

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**O colmo nas terras do Parque Nacional Peneda-Gerês,
Barroso**

Breve ensaio sobre a técnica, a vida e o Homem

Joana Maria Freitas Mesquita

Dissertação / Trabalho do Projeto

Mestrado em Património Público, Arte e Museologia

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**O colmo nas terras do Parque Nacional Peneda-Gerês,
Barroso**

Breve ensaio sobre a técnica, a vida e o Homem

Joana Maria Freitas Mesquita

Dissertação / Trabalho de Projeto orientada pelo Prof. Doutor

Luís Jorge Rodrigues Gonçalves

Mestrado em Património Público, Arte e Museologia

2015

RESUMO

O presente trabalho “ O colmo nas terras do Parque Nacional Peneda Gerês, Barroso, breve ensaio sobre a técnica, a vida e o Homem” resume-se nos seguintes pontos essenciais:

- Estudo, ilustração e valorização da técnica de colmagem das coberturas antigas das casas, em terras do Parque Nacional da Peneda Gerês, especificamente no Barroso, numa época de cultura fechada sobre si mesma, principalmente devido ao clima e localização geográfica;
- Hipótese de transposição para a actualidade, dessa técnica construtiva, tão ecologicamente desejável mas já sob condições de segurança (sobretudo a nível do fogo), com a ajuda das novas tecnologias de aplicação, testadas e efectivamente utilizadas em países como a Inglaterra, Finlândia, Japão, Holanda, Suécia, África do Sul.
- Execução de duas peças, sendo uma, explicativa do processo da construção de uma cobertura de colmo, característica da zona em estudo, e outra interpretativa do sentido poético e mágico que o abrigo/habitáculo/ninho tem junto do Homem e do animal

Palavras-Chave:

Colmo; Arquitectura Tradicional; Barroso; habitação rural; abrigo/ninho; memória

ABSTRACT

The present work “Thatch in land of National Park-Peneda Gerês, Barroso, brief essay on technique. life and Man” is summarized in the following essential points:

- The study, illustration and enhancement of the ancient technique of thatched roofs, in lands of National Park - Peneda Gerês, specifically on Barroso, at a time when it was a culture turned inward, mainly due to their climate and geographic location;
- An hypothesis of transposing this eco-friendly technique to the present day, but with new levels of security (specially concerning fire fighting), by using new safety technologies, already tested and applied on houses with thatch, in countries that preserve and still apply this traditional technique, like, England, Finland, Japan, Holland, Sweden, and South Africa (members of International Thatching Society);
- Construction of two sculptural elements, one being a model of a thatched roof, characteristic of the region studied on this work, explaining the various stages of the process of building it; the other performing an interpretation of the theme, concerning the magical and poetical sense of the nest/shack/shelter, and its meaning for Man and animal.

Key Words:

Thach; Traditional Architecture; Barroso; shelter/nest; memory

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Luís Jorge Rodrigues Gonçalves, meu orientador, que entendeu e incentivou com o seu apoio, disponibilidade e sensibilidade dispensados.

Aos elementos da Junta Freguesia e Ecomuseu de Montalegre e à população de Cambezes do Rio e Paredes do Rio, Montalegre, em especial ao Sr. José Acácio Moura e ao Sr. António Monteiro.

Aos meus pais. Ao Manel.

Índice

Apresentação	9
Introdução	11
1. O colmo nas Terras do Parque Nacional Peneda -Gerês	
Breve ensaio sobre a técnica, a vida e o Homem	14
1.1. A questão do habitáculo	14
1.2. O colmo	16
1.2.1. As coberturas de colmo em Portugal	18
1.2.2. O colmo nas regiões montanhosas em estudo	19
1.2.2.1. O centeio/ o porquê do centeio	20
1.2.2.2. O centeio como material típico	21
1.3. O porquê do seu desaparecimento das paisagens em estudo	22
2. Estudo de caso – O Noroeste de Portugal, o colmo nas terras do Parque Nacional Peneda Gerês	
2.1. Localização e enquadramento geográfico	23
2.2. Geografia humana/ distribuição espacial, caso em estudo	25
2.3. Tipologia; forma, estrutura e características regionais da utilização do colmo na arquitectura popular/habitação rural	
2.3.1. A casa/ habitação rural, definições	26
2.3.2. A habitação primitiva do Noroeste de Portugal	26
2.3.3. Definição, tipologia da casa rural do NO Peninsular	31
2.3.3.1. Arquitectura do “pão”	32
2.4. A técnica de construção e aplicação de uma cobertura em colmo no Noroeste Peninsular (Parque Nacional Peneda Gerês)	33
2.4.1. Coberturas em colmo de centeio	33
2.4.1.1. Ciclo dos cereais, a segada e a malhada	34
2.4.2. Constituição de um telhado em colmo de uma planta de casa rectangular	39
2.4.2.1. Estrutura	40
2.4.2.2. Colocação – Protecção – Compostura	
2.4.2.2.1. Colocação	42
2.4.2.2.2. Protecção	44
2.4.2.2.3. Compostura	46
2.4.2.3. Manutenção	47
2.5. À Memória e Conservação, contributos para uma reflexão	
2.5.1. A sustentabilidade de uma arquitetura ligada ao passado	47

2.6. A questão da passagem de testemunho	48
2.6.1. O Ecomuseu do Barroso e o seu papel na comunidade	50
2.7. A técnica das coberturas de colmo e a sua aplicação na arquitetura contemporânea	51
2.7.1. A preservação das técnicas manuais construtivas vernaculares na arquitetura contemporânea	52
3. O abrigo, a cobertura em colmo e o ninho: forma, função, emoção	56
3.1. Memória Descritiva	60
3.1.1. Reconstituição de uma cobertura em colmo: diário e registo fotográfico	61
3.1.2. Interpretação plástica; o ninho: diário e registo fotográfico	65
3.1.3. “ <i>Ataduras e nós – bancelho, pormenor expressivo</i> ”	68
Conclusão	70
Lista de imagens	71
Bibliografia	74

Anexo I - O abrigo, a cobertura em colmo e o ninho: guião fotográfico (anexo incluído em formato digital).

Anexo II - A segada e a malhada: registo fotográfico (anexo incluído em formato digital).

Vídeos – Conjunto de registos em vídeo (anexo incluído em formato digital).

Apresentação

Aborda-se aqui a temática das coberturas em colmo nas habitações, características de uma região de Portugal, pretendendo fornecer uma compreensão do seu processo construtivo e do seu modo de “fazer”, apoiada em esquemas/desenhos e imagens, e ainda, como objecto tridimensional a execução de uma maquete recriando, a utilização do material que define estas coberturas (palha), recriando cada uma das etapas até à finalização do telhado.

A ideia deste estudo, surgiu de uma proposta do Professor Luís Jorge Gonçalves, meu orientador, que aceitei prontamente, por entender que, embora se tratando de uma técnica antiga, é porém um tema bastante actual; para além de vir na sequência dos temas por mim abordados no 1º ano deste Mestrado em Património Público, Arte e Museologia.

O tema proposto, “O colmo nas terras do Parque Nacional Peneda Gerês, Barroso, breve ensaio sobre a técnica, a vida e o Homem” revelou-se de grande interesse, embora complexo, uma vez que são escassos os elementos, não direi teóricos, mas de ordem prática e logística, por se tratar de uma técnica em extinção ou mesmo extinta, nalguns lugares, restando poucos exemplos materiais que ilustrem.

De um modo reflexivo considera-se também a sua importância na vida do Homem e questiona-se a sua continuidade no mundo actual, à luz do seu valor ecológico e de respeito pela Natureza. A defesa do seu valor como parte de uma identidade cultural, relacionada com a valorização e transmissão destes saberes tradicionais. Não podemos omitir o facto de ser uma técnica já abandonada, não existindo muito exemplos actuais que tornando mais complicada a execução, sendo necessário recorrer a livros que a descrevam, e obrigando a um certo exercício de imaginação.

Incluída também como parte da reflexão e compreensão da técnica, faz parte do trabalho uma peça, de cariz poético, interpretativa do material utilizado.

Apesar disso, nesta época de mudança, em que o desejo do retorno à natureza é cada vez mais evidente, onde alguns procuram um equilíbrio (perdido) entre

o meio ambiente e a contemporaneidade, é necessária a sabedoria para aliar esse património ancestral às novas condições de habitabilidade, mantendo a traça original e os materiais de acordo com o meio envolvente.



Fig.1 Representação de uma casa rural com cobertura em colmo (desenho da autora).

Introdução

O presente trabalho “O colmo nas terras do PNPG, Alto Barroso, breve ensaio sobre a técnica, a vida e o Homem” resume-se nos seguintes pontos essenciais:

1. Estudo, ilustração e valorização de técnica de colmagem das coberturas antigas das casas, em terras do Parque Nacional da Peneda Gerês, especificamente no Barroso, numa época de cultura fechada sobre si mesma, principalmente devido ao clima e localização geográfica.
2. Hipótese de transposição para a actualidade, dessa técnica construtiva, tão ecologicamente desejável mas já sob condições de segurança, sobretudo a nível do fogo, com a ajuda das novas tecnologias de aplicação, testadas e efectivamente aplicadas em países, como a Inglaterra, Finlândia, Japão, Holanda, Suécia, África do Sul. (International Thatching Society).
3. Execução de duas peças, sendo uma, explicativa do processo básico da cobertura em colmo, característica da zona em questão, e outra, interpretativa do sentido poético e mágico que o abrigo/habitáculo/ninho tem junto do Homem ou do animal.

O objectivo primeiro deste trabalho, é o de trazer à realidade actual um tema comum a várias zonas de Portugal, onde, a dualidade passado-presente, evolução- involução são características, que, profundamente afectam o Homem, nos seus diversos aspectos – social, antropológico e antropomórfico.

Falaremos de um tipo específico de cobertura vegetal – colmo – que durante séculos funcionou como “telhado” das habitações serranas, a Noroeste de Portugal, integradas no Parque Nacional de Peneda Gerês.

A relação que tão sábia e empiricamente manteve com a Natureza ao longo de séculos levou-o, muitas vezes, a adoptar as formas, os recortes e as cambiantes de sombra – luz, como identidade simbólica a respeitar e integrar no seu quotidiano; fosse de cariz sagrado ou profano, sempre sentiu necessidade de partilhar e se relacionar com essa Natureza nem sempre hospitaleira. Pelo contrário, sendo frequentemente agreste e isolada, a envolvente natural criou grandes dificuldades e carências ao Homem, que,

primitivamente, surgiu na Terra, sem grandes meios, aparentemente, incapazes de o auxiliarem na longa caminhada a percorrer. Porém, trazia consigo aquela centelha de conhecimento, íntima e profunda, sobre a qual grandes filósofos e cientistas têm dissertado. Para a sua vontade criativa, nada é impossível de ultrapassar, e ao longo dos milhares de anos, de experiências sucessivas, ele vivifica e transforma tudo ou quase tudo. Seja o barro, a madeira, os metais, a pedra mais dura ou a palha mais leve, extraída do cereal que o chão lhe dá, transformando-o em pão e abrigo.

Será pois, este cereal e o seu colmo (desde sempre integrado na arquitectura popular), no caso específico deste estudo, que me proponho identificar como exemplo do poder de criação e vontade de dominar, construindo sem agredir, e sobretudo respeitando e absorvendo como suas as leis da natureza e, ao mesmo tempo, nela “intervindo”.

Complementando estes objectivos, como reflexão possível sobre o tema em estudo, o trabalho integrará ainda uma abordagem plástica, recorrendo a uma maquete interpretativa, ilustrativa do aspecto, processo de construção e aplicação de uma cobertura, assim como desenhos e esquemas sobre o material, o colmo.

O trabalho inicia-se com uma reflexão acerca da questão do abrigo, o trabalho divide-se em três partes, sendo a primeira;

- De enquadramento e apresentação da técnica e do material (vegetal), assim como explicativa do porquê da sua utilização na região do caso em estudo (de onde são características as coberturas em colmo),
- Aborda-se a importância do cereal para o Homem, como alimento e abrigo, presentes nos vários aspectos da vida rural (ciclo do pão), reflectida na sua arquitectura e também na sua religiosidade.
- Explica-se detalhadamente o método de construção de um telhado em colmo (sua estrutura de sustentação e cobertura) incluindo alguns esquemas e imagens que complementam e ajudam a sua visualização e compreensão do processo edificativo.

Numa segunda parte, de reflexão, aborda-se a contemporaneidade de uma técnica tradicional (o colmo) e sua possível transposição e continuidade numa arquitectura dos dias de hoje, tendo em conta a questão do equilíbrio ecológico e a ligação com a natureza, evoluindo mas respeitando; a preservação da

técnica tradicional, em alguns países da Europa e não só, onde ainda é aplicada e ensinada. É também apresentado o Ecomuseu do Barroso, organismo de conservação do património oral e edificado de uma região (suas técnicas e saberes), e sua tentativa de dinamização da sua população, envolvendo-a nos seus projectos.

Finaliza-se com as conclusões obtidas no presente estudo.

Numa terceira parte, inclui-se a memória descritiva da maquete de uma cobertura de colmo, e seu processo construtivo, executada pondo em prática os saberes adquiridos com a recolha (teórica e prática) feita no decorrer da investigação (pode-se ainda observar detalhadamente todo o processo no guião de fotos, em anexo); a memória descritiva de uma segunda peça construída -interpretação formal e poética- onde podemos visualizar também as diferentes fases na sua construção.

Inclui-se em anexo a recolha fotográfica feita no sítio de duas das fases da metamorfose do cereal em alimento com legendas explicativas, assim como alguns vídeos.

A sua organização fez-se seguindo uma investigação teórica, inicial, através da leitura de livros sobre a técnica em estudo, de uma investigação no local, fazendo uma observação e recolha visual dos poucos exemplos em ruínas existentes de coberturas em colmo, complementada de uma recolha efectuada por conversa com pessoas locais que ainda aprenderam a técnica; por uma investigação prática, construindo um modelo de uma cobertura de colmo, utilizando os saberes adquiridos empiricamente com a recolha efectuada atrás referida, pondo-os em prática e experimentando.

1. O colmo nas Terras do Parque Nacional Peneda-Gerês

Breve ensaio sobre a técnica, a vida e o Homem

Sabendo que a Natureza influencia o Homem no seu comportamento, crenças, hábitos e costumes, facilmente se concluiria que a vivência entre os dois deveria ser de equilíbrio e harmonia, caso o Homem tivesse sempre o cuidado e conhecimentos necessários, para entender e respeitar essa Natureza que o acolheu há milhares de anos. E há milhares de anos, que o Homem tem sentido necessidade de, na sua evolução, de intervir, modificar, construir.

Sempre que o equilíbrio se mantém, essa dualidade funciona sem hostilidade, sem revolta, sem convulsões; essa revolta e convulsões com que a nossa actualidade de “progresso”, diariamente nos confronta e cuja causa está na quebra desses laços essenciais de equilíbrio e respeito trocados pela ganância, pela corrupção que conduzem ao esgotamento dos meios naturais de que tanto precisamos para sobreviver.

Sempre que o Homem é suficientemente inteligente para evoluir, criando novos métodos de sobrevivência, novas técnicas conducentes à realização harmoniosa de engenho e arte, na saúde, na habitação, na alimentação, na cultura, enfim, tudo se conjuga para a felicidade humana e sustentabilidade do planeta.

Porém, nem sempre assim tem acontecido e eis-nos chegados a uma situação de necessidade urgente, não de regredir no progresso alcançado, mas sim de tomada de consciência em relação à agressão consecutiva ao meio ambiente que nos acolheu e permitiu viver até agora. Torna-se imperativo parar.

1.1. A questão do habitáculo

Um longo caminho foi percorrido desde que os primeiros grupos de caçadores-recolectores habitavam as cavernas, tendas ou cabanas.

Como nómada, construía apenas, abrigos feitos dos materiais que, em cada lugar por onde passava existiam, aproveitando-os da forma mais eficaz que conseguia. Aquando porém da sedentarização no Neolítico, um abrigo estável, bem perto da agricultura então iniciada, e dos animais que o serviam, foi-se tornando essencial à sua sobrevivência. Surgem, então, as primeiras casas semi-sólidas e de aparência mais resistente.

Na sua concepção, apesar de sujeita às condições do meio ambiente, constata-se essa necessidade empírica da boa relação que o Homem sempre pretendeu manter com a Natureza, dando, porém, um passo adiante, ao incluir nesse habitáculo a protecção dos animais que lhe eram úteis.

Ao longo das suas diferentes Idades (Pedra, Ferro, etc.), o Homem evoluiu e criou novos e diferentes meios de subsistir e habitar que lhe proporcionam níveis de saúde e conforto inigualáveis, que não devem ser, de modo algum, desprezados. A evolução do Homem na Terra, é algo que deve ser valorizado e preservado, não deixando, porém de reflectir sobre o modo e condições em que foi atingida. Sacrificando e desrespeitando a si próprio e à Natureza que o acolhe, o Homem não pode, nem consegue ser feliz.

Não é necessário, nem desejável, regredir nos benefícios alcançados; não seria inteligente voltar à mesma pobreza e carência de meios de outrora, mas antes, torna-se isso sim, urgente, repensar a civilização em todos os aspectos, fazendo ressurgir uma nova cultura global de integração e convivência saudável com todo o ecossistema de que fazemos parte, não nos achando acima de todo o reino natural. Fazemos parte de um todo.

Cada vez mais, o ser humano manifesta um íntimo, e, por vezes, inexplicável desejo de “regresso às origens”, embora nem todos entendam o que significa esta expressão.

As pessoas têm necessidade de estar perto da Natureza, de sentir o seu espírito e reencontrar uma simplicidade no modo de viver, sem “necessidades desnecessárias”, ficando, porém mais livres e disponíveis para o conhecimento que acarreta consigo a evolução, o conforto, o respeito pelos valores ecológicos e a sustentabilidade do planeta que ainda habitamos. Ao Homem

ancestral faltavam os meios tecnológicos da actualidade mas tinha a sabedoria de os architectar e construir de acordo com o meio em que estava integrado.

Saibamos então, aliar estes dois pressupostos e, aproveitando tudo o que positivamente foi alcançado, posamos reutilizar, reciclar e não esquecer nem permitir que caiam no esquecimento dos “novos riquismos”, vítima de falsos ideais, toda a arte e arquitectura popular, tão sábia e equilibrada.

Falando então da construção e do acto de habitar, aborda-se a arte e arquitectura popular, tão sábia e equilibrada.

Assim, numa épocas de mudança e grandes convulsões, compreendendo agora a necessidade de uma aproximação à Natureza e do retorno a princípios e modos de viver mais equilibrados, assiste-se a uma tentativa de compreensão e de apropriação destas técnicas ancestrais, entretanto quase desaparecidas, que povoaram a vida do nossos antepassados, e se arriscam ao esquecimento, num tempo já ido.

Recorda-se deste modo ao debate iniciado há várias décadas acerca da assimilação e contextualização destas práticas na modernidade.

Iremos agora abordar a questão das coberturas vegetais (o colmo), principal estrutura de abrigo, utilizada ao longo de abrigo, utilizada ao longo do tempo em vários locais do mundo e transversal a várias sociedades humanas

1.2. O colmo

Material primitivo de construção, o colmo, não exigia, na sua aplicação, conhecimentos nem ferramentas muito sofisticadas, sendo fácil encontrá-los nos locais onde se instalavam as casas que, com a sedentarização, se iam transformando, das frágeis construções temporárias, em construções semi sólidas e sólidas. O aperfeiçoamento dos utensílios e da técnica, permitiu ao Homem apropriar-se de materiais como a pedra, a madeira ou a argila, erguendo paredes robustas, capazes de aguentar as intempéries.



Fig. 2 Casa com cobertura em colmo em Inglaterra.



Fig. 3 Casa com cobertura em colmo no Japão.



Fig. 4 Casa com cobertura em colmo em África .

E a cobertura das casas?

Como anteriormente, no nomadismo, as fibras vegetais eram utilizadas para cobrir e unir as estruturas dos abrigos, feitos de toscos paus de madeira. Este tipo de habitações temporárias perdurou, sendo mais características de sociedades nómadas, ou actividades sazonais como a pastorícia (abrigo de pastores). Com a possibilidade que a evolução da técnica permitiu, construíram-se paredes em materiais mais sólidos, passando a aplicação destas fibras vegetais então a ser feita como cobertura superior das casas.

Fresca no Verão e acolhedoramente quente no Inverno, bastante isolante e impermeável, a cobertura vegetal ou colmo, é aplicada por cima de uma

armação em troncos de madeira, que a sustenta. Com o aperfeiçoamento da técnica, foram sendo encontrados novas formas de sustentação da cobertura (a introdução da asna, elemento construtivo), mais leves e mais simples, que permitiram aumentar o tamanho das habitações e explorar novas formas.

Mas o que é exactamente o colmo? E porque é assim designado?

Cientificamente, é uma fibra vegetal da família das gramíneas, oco por dentro e que tem os entrenós revestidos pelas

bainhas das folhas. O bambu, o junco, e principalmente o trigo e o centeio são exemplo de tipos de colmo.

Utilizado como material construtivo, como revestimento exterior e cobertura das habitações no interior e no litoral, varia na sua utilização conforme o clima e a Natureza envolvente, o colmo surge como aproveitamento dos recursos naturais que rodeiam o Homem, e que lhe fornece o alimento e o abrigo necessário à sua sobrevivência. Com a agricultura, aprende a cultivar o centeio e o trigo, e a retirar o grão da palha, guardando esta para alimento dos animais e cobertura das suas habitações.

Para a sua colocação, o colmo era escolhido, as palhas são agrupadas em feixes, depois de limpas, para posterior aplicação, segundo diferentes técnicas, e conforme a expressão local e o clima (Fig.2, Fig.3, e Fig.4).

1.2.1. As coberturas de colmo em Portugal



Fig. 5 Casa com cobertura em colmo em Samora Correia, Portugal.



Fig. 6 Cabana com cobertura em colmo em Vila Franca, Portugal.



Fig. 7 Cabana com cobertura em colmo em Alfarim, Portugal.



Fig. 8 Casa com cobertura em colmo em Setil, Portugal.



Fig. 9 Cabana com cobertura em colmo em Vila Real de Santo António.

Revestimento exterior e cobertura das habitações na zona do interior e litoral do país, o colmo, praticamente desapareceu das paisagens portuguesas, fruto do desenvolvimento, mas também de algum desinteresse, encontrando-se actualmente apenas alguns vestígios de como eram originalmente estas construções. Assim, a falta de exemplos concretos, dificulta o estudo destas estruturas em Portugal, sendo necessário recorrer às imagens presentes em livros como “ Construções Primitivas em Portugal” e “Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa”, ambos grandes contributos para o registo e compreensão dos variados exemplos presentes na arquitectura tradicional portuguesa.

O presente trabalho aborda o colmo como derivante da palha de centeio, de que seguidamente falaremos.

1.2.2. O colmo nas regiões montanhosas em estudo

“A pequena casa de Barroso, construída de grossos blocos de granito, cosida com o solo, mal deixando penetrar a luz de tal modo se reduziram as aberturas, com a sua espessa capa de palha, dá bem a medida do esforço de adaptação do Homem a um meio inclemente” (Taborda, 1987: 125).

Nesta região em estudo, de clima agreste, de invernos longos e acentuadamente frios, de chuvas e neves, contrastando com temperaturas elevadíssimas no verão e, cuja situação geográfica a tornou isolada do resto do país durante séculos, a vivência foi difícil, obrigando a soluções engenhosas, sobretudo ao nível da habitação.

Olhando ao seu redor, o Homem observava as montanhas como obstáculos mas também como elementos protectores. Junto a elas, nos declives e sopés mais afáveis, construía o seu abrigo de pedras, esforçadamente cortadas e toscamente “aparelhadas” umas de encontro às outras. Entradas estreitas e pequenas fenestraçãoes, protegendo ao máximo o seu interior.

E quanto à cobertura? Que soluções tinha o homem nessa zona inóspita de agricultura pobre e vegetação escassa?

O centeio, como cereal dominante, daria “só” o alimento, não fora uma vez mais o espírito de sobrevivência e o engenho que se aliaram, conseguindo que, para além de alimento ele se tornasse também abrigo. E, eis que a palha do centeio – o colmo – passou a ser material de cobertura vegetal, cuja utilização se referencia nos povos de origem celta, com os seus castros de planta redonda e cobertura cónica.

1.2.2.1. O centeio/ o porquê do centeio



Fig. 10 Campo de centeio em Montalegre (foto da autora).

“Depois de dar o pão deu o abrigo.”¹ O centeio, como cereal típico das zonas serranas, de clima frio e agreste, é o cereal que se agarra melhor ao terreno e, apesar de cereal humilde mas resistente, em solos pobres e pouco profundos é ou era tão importante para as gentes, que o próprio bago já merecia o nome de “pão”.

Segundo teoria de Jorge Dias (Ribeiro, 1991: 399), o centeio terá sido introduzido pelos povos Suevos, vindos do Norte da Europa, onde o clima é, de algum modo, similar ao das montanhas.

“No Alto Barroso, as condições naturais não permitem culturas mediterrânicas e o centeio domina desde séculos (cultivado em afolhamento bienal)” (Ribeiro, 1991: 299).

Cultivável até acima de 1500 metros², é mais uma vez, a sintonia do Homem com a Natureza, que na ausência de outros recursos, retirado o grão, o leva a guardar o excedente do cereal, que não faz falta para o pão, aplicando-o na cobertura das suas habitações, através de técnica muito simples mas eficaz.

¹ Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 175.

² A Suécia utiliza o colmo de trigo ou centeio nas suas habitações, pois concluiu ser o tipo que melhor resiste ao clima rigoroso e às neves constantes da região montanhosa, uma vez que sustenta o peso da neve nos telhados.

1.2.2.2. O centeio como material típico

Não fora o perigo de incêndio e dificilmente se encontraria melhor cobertura de características isolantes do frio, das chuvas e da neve. Os próprios fumos (do fumeiro da lareira no chão, onde se cozinha também) saindo para o exterior revestem a cobertura de uma camada, como que de verniz se tratasse, tornando-a mais resistente e protectora.

A região do Barroso é dos poucos locais a manter ainda, embora nem sempre em estado de conservação desejável, este tipo de construções. Pitões das Júnias, Tourém, Cambezes do Rio são redutos onde se podem observar alguns exemplos desta técnica de cobertura. É sabido que a telha já ocupou o seu lugar na maioria dos lugares de Montalegre, que apesar disso e, numa tentativa de perpetuar esse conhecimento, oferece no seu Ecomuseu, uma visão material e virtual da região do colmo, e não só.

A razão principal para o Barroso ser uma das regiões onde durante mais tempo se utilizaram coberturas em colmo deve-se também ao facto de a maior parte das suas terras terem sido votadas a grande isolamento, muito por culpa da localização geográfica que impedia a chegada mais veloz da modernidade.

Palha do centeio, o colmo, como material leve, necessita de uma aplicação engenhosa, que o impeça de ser arrastado pelas ventanias ou permeado pelas chuvas.

Há várias técnicas, espalhadas por todo o Portugal e Galiza, que de acordo com o meio ambiente e conhecimento das pessoas de cada localidade, são ou foram utilizadas ao longo dos séculos.

Há casos em que apenas se aplicam pedras e calhaus nos bordos das várias camadas de colmo fixando-o assim à estrutura.

Outros lugares de maior rigor climatérico, ainda no Barroso, em Pitões das Júnias, apresentam exemplares em que as armações de paus entrecruzados – as latas – que, de onde em onde, os grampos (paus) amarram aos beirais, dão a solidez natural, integrada na Natureza, onde o centeio predomina na envolvente se funde com a paisagem, (mais à frente esclarecemos o significado destes termos). Sendo o colmo, cobertura material vegetal, sobreposta em várias camadas para protecção da habitação, tornando-a mais

fresca no Verão e mais quente no Inverno, exige manutenção frequente de conserto e higiene. Para além do risco de incêndio, que, como já foi dito, ser elevado e perigoso em zonas tão isoladas do interior, transformando-as, por vezes, num braseiro desolador (as conhecidas “ardenas”), há que considerar que as populações, nas suas migrações e emigrações, foram tomando contacto com outras técnicas, mais seguras, mas nem sempre adaptadas ao lugar em si, descaracterizando a beleza e o sentido natural.

1.3. O porquê do seu desaparecimento das paisagens em estudo

Se, por um lado, como atrás referido, a introdução do centeio nesta região em estudo, terá sido efectuada pelos Suevos, do Norte da Europa, onde o clima é similar ao das montanhas portuguesas, por outro lado, as deslocações da população autóctone, deram origem à introdução de materiais e matérias-primas trazidos de locais e países que nada têm de similar, nas suas condições climatéricas e geográficas com Portugal e seu Noroeste.

Deu-se este facto, principalmente, numa época de regime político repressivo, pobreza e lento surgir do progresso, tendo estes factores impulsionado a emigração para países como o Brasil, França, América do Norte, etc., de onde esses emigrantes regressavam, muitas vezes velhos e já doentes, tendo como único objectivo, deixar para trás a casa antiga, símbolo daquela pobreza, e construir algo que atestasse a sua nova riqueza, chegando mesmo ao ponto de não querer ser mais conhecido pelo seu apelido anterior, como por exemplo, passar do “Manuel da Eira”, para o “Manuel das Casas Novas”!

Hoje, uma nova consciência, pois, se impõe e, a pouco e pouco, vai sendo adquirida; o sentido da deslocação é inverso, deixando para trás as grandes cidades e rumando para esses locais interiores, desertos nalguns casos, na tentativa do tal “regresso às origens”, “regresso à natureza”, que agora, esperamos, será compreendida de modo integrado e sustentado, conjugando tempos ancestrais de sabedoria intuitiva com os meios modernos de conforto e tecnologia, adaptados ao ecossistema sem o hostilizar e sem que ele hostilize o ser humano. Sendo esta uma técnica ancestral, vinda já de um tempo em

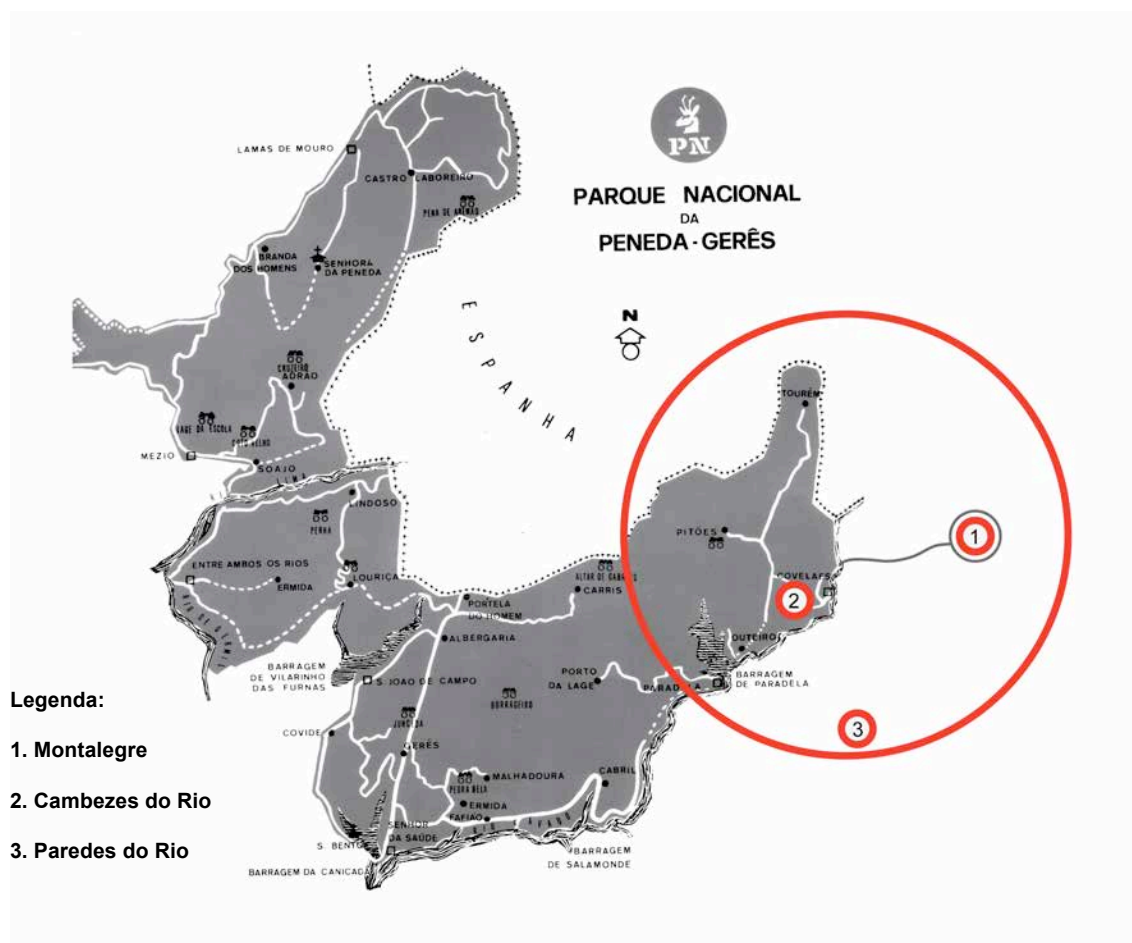


Fig. 12 Localização dos lugares em estudo no contexto do P.N.P.G.

Barroso – região montanhosa do NO transmontano, abrange os concelhos de Boticas e Montalegre. A ela pertencem cinco serras: Gerês, Larouco, Cabreira, Alturas (serra do Barroso) e Leiranco.

A serra do Barroso, pertence ao maciço antigo, situando-se entre as serras do Larouco, Cabreira e Marão. Por ela são separadas, a Norte, as bacias do Cávado e do Tâmega. Orientada a Nordeste/ Sudeste, prolonga-se por oito quilómetros e tem a altitude máxima de 1208 metros.

O Barroso localiza-se entre o Alto Minho e Trás-os-Montes, estando uma parte incluída no Parque Nacional da Peneda-Gerês. Este facto, aliado às condições de um clima serrano agreste e a uma morfologia da paisagem muito similar, dá a esta região do Alto Barroso, uma proximidade física e psicológica com o Alto Minho, espelhada no modo de viver da sua população, usos e costumes. O granito impera no horizonte e molda o carácter.

No concelho de Montalegre, localizam-se Cambezes do Rio e Paredes do Rio, lugares que fazem parte do Ecomuseu local (como eco aldeias), e onde fui encontrar na minha pesquisa alguns vestígios de casas com cobertura de colmo. Embora Montalegre (onde se encontra o Ecomuseu do Barroso), esteja fora da área limítrofe designada, as aldeias de Cambezes do Rio e Paredes do Rio, ainda pertencem ao Parque Nacional (ver Fig. 12).

António Lino no seu livro “O Homem e a Casa, a Casa e o Tempo”, descreve assim, em poucas palavras, a imagem que une as duas regiões:

“As casas com poucas aberturas e pequenas para que não entre o vento e o frio e não saia o calor que a cobertura de colmo lhes dá. Pátio aberto ou com cobertura. Barroso e Montalegre são um prolongamento natural do Minho para Trás-os-Montes e, embora politicamente pertença a esta província, todas as características vão para aquela província” (Lino, 1990: 34).

Também Miguel Torga relata essa a proximidade psicológica no livro “Portugal”:

“Desanimado, meti para Castro Laboreiro à procura de um Minho com menos milho, menos couve, menos erva, menos videiras de enforcado e mais meu. Um Minho que não o fosse, afinal. Encontrei-o logo dois passos adiante, severo, de curcelo e carapuça. A relva dera finalmente lugar à terra nua que, parda como o burel, tinha ossos e chagas. O colmo de centeio, curtido pelos nevões, perdera o riso alvar das malhadas. Identificara-se com o panorama humano, e cubria púdicamente a dor de frio e de fome (...). Estava exausto, mas o corpo recusava-se a parar. Pitão acenava-me lá de longe, de tectos colmados e de chancas ferradas” (Torga, 1993: 20-26).

2.2. Geografia humana/ distribuição espacial, caso em estudo

O povoamento rural situado na zona montanhosa situada a NO de Portugal, Montalegre, encontra-se distribuída maioritariamente, em pequenos grupos de aglomerados de casas (lugares), notando-se, em terreno mais elevado, uma aglomeração mais cerrada, onde as casas se fixam mais próximas umas das

outras. O clima e as condições naturais do terreno na zona do Alto Barroso, não permitem o cultivo mais diversificado, sendo o centeio, cereal dominante, aparecendo mais tarde o milho e a batata. Abordaremos agora a habitação rural.

2.3. Tipologia; forma, estrutura e características regionais da utilização do colmo na arquitectura popular/habitação rural

2.3.1. A casa/ habitação rural, definições

Observa-se nesta arquitectura nítido predomínio do sentido utilitário sobre o formal, o que provoca a existência de uma funcionalidade concebida até onde os limitados conhecimentos do construtor permitem chegar. Não podemos esquecer porém que, não só a função domina a forma nesta arquitectura, devendo dar especial atenção às características regionais que definem cada tipo e identidade, fruto de simbolismos e significações.

A arquitectura popular abrange todo o aproveitamento e modificação do meio ambiente pelo homem, para conseguir melhores condições de vida.

Poder-se-á falar de uma arquitectura do colmo, se atentarmos no facto que este elemento constitui, de um modo geral, um dos mais antigos, enquadrados e utilizados na nossa ruralidade. A cobertura de colmo é a que mais nos aproxima daquelas “habitações” que o Homem do Paleolítico construiu.

2.3.2. A habitação primitiva do Noroeste de Portugal

Durante muitos séculos, o colmo tem vindo a ser utilizado pela nossa arquitectura popular, como elemento mais frequente, (não desprezando o facto de que a romanização introduziu a telha) que chega aos nossos dias como uma arquitectura vernácula, enriquecedora de uma evolução histórica das edificações no Noroeste peninsular.

Quer em Portugal, quer na Galiza, abundam nas serras, vestígios deste tipo de arquitectura popular que nos remetem para as primitivas construções celtas, de organização castreja que perduraram até à romanização e muito para além dela, se bem que o seu âmbito geográfico se tenha vindo a reduzir progressivamente – a casa elíptica ou palhoça³.

Aparecem estas construções circulares, ou semi-circulares, semi-destruídas, em locais onde se instalaram povoados romanos, como por exemplo, na serra da Peneda, em Castro Laboreiro – PNPG, e Cambezes do Rio, serra do Barroso – PNPG. Este tipo de arquitectura, de casa em planta redonda ou semi-redonda, muito fechada, de duas portas, uma a Ocidente e outra a Oriente, não permite ver o Sol nem o céu, só a neve que a circunda. Toda a casa é um só aposento, onde convivem as pessoas e os animais. O fogo (lume que cozinha os alimentos e aquece a casa) está no meio da construção que culmina na cobertura de colmo cónica. Segundo Jorge Dias e Fernando Galhano, a sua presença em Portugal, embora reduzida a zonas pequenas, tem sido constatada ao ponto de Jorge Dias afirmar:

“ Tudo leva a crer que esta maneira tradicional de construir casas redondas ou arredondadas, representa uma linha de continuidade através dos séculos que só nos nossos dias se afirma inteiramente diante da revolução total das formas tradicionais que a técnica ocasionou” (Llano, 1981b: 195).

Este tipo de planta da casa redonda ou arredondada foi sofrendo alterações, conforme as necessidades e localização dos seus habitantes.

Passando de alguns pontos mais isolados para áreas de melhor comunicação, aquela planta circular encontrou alternativas:

“ Nas plantas ovais, consequentes das condições impostas pela pendente do terreno e compostas por 2 círculos de raio diferente unidos por 2 tangentes exteriores, com dimensões entre os 12 e os 18 metros longitudinais e 6 e 10 metros para o seu maior diâmetro; nas plantas elípticas, orientadas como nas ovais, com o seu eixo maior na direcção dos ventos dominantes com dimensões entre os 8 e os 18 metros para o eixo maior e os 6 e 8 metros para o eixo

³ “A forma circular, relacionada com o útero e a maternidade, é considerada uma forma intuitiva em relação à quadrada ou rectangular, resultado de um exercício intelectual de maior complexidade” (Ramos & Cossio, 1998: 64-69).

menor (...). A planta elíptica truncada nos seus extremos, resultado da existência de duas paredes rectas, tipo frontão, já permite a construção da cobertura a duas águas. A planta rectangular arredondada, na qual ainda não existem esquinas como elemento definidor da construção permite já observar características do tipo da primitiva casa térrea” (Llano, 1981a: 194, 195).

Aqui apresentamos um possível exemplo de uma habitação primitiva, que conserva ainda características que a podem definir como exemplo de uma casa de planta em forma elíptica, localizada em Cambezes do Rio, Montalegre. Encontra-se identificada e classificada como casa de colmo celta pelo Parque Nacional Peneda Gerês, como podemos ler na placa de informação que indica a estrada que leva ao lugar⁴.

Fui visitar este lugar, por me ter sido indicado como um local onde iria encontrar algumas habitações ainda com coberturas de colmo, ou vestígios deles (Fig. 13, Fig. 14, e Fig. 15). A casa que se encontra em Cambezes do Rio, embora se assemelhe já a uma amálgama de aproveitamentos e retalhos de materiais contemporâneos e antigos, conserva ainda o que se pode considerar a traça/desenho original de uma casa de influências celtas, neste caso uma palhoça.



Fig. 13 Casa Celta de Cambezes do Rio, Montalegre, na atualidade (foto da autora).



Fig. 14 Casa Celta de Cambezes do Rio, Montalegre, pormenor (foto da autora).

O livro “ Arquitectura Popular en Galicia- 1”, no seu capítulo acerca da arquitectura da casa redonda sugere a palhoça como exemplo de uma das mais primitivas construções do NO Peninsular. Têm sido colocadas várias

⁴ Entende-se por *lugar* um aglomerado de casas que se estendem ao longo do espaço e que compõem uma aldeia.

hipóteses acerca da sua origem, onde a mais provável e próxima à realidade parece ser a de serem os seus antepassados originários das casas redondas dos povoados castrejos; “A casa de planta redonda, possivelmente chegada à Galiza como um elemento mais da cultura celta, foi a base da arquitectura dos castros - desde as Astúrias às terras de Trás os Montes -, até à romanização da Galiza, e persistiu ainda durante um longo período de tempo em grande parte da nossa terra, se bem que o seu âmbito geográfico foi reduzindo progressivamente, até quase desaparecer” (Llano, 1981a: 186).



Fig 15 Casa Celta de Cambezes do Rio, na actualidade, entrada da habitação (foto da autora).

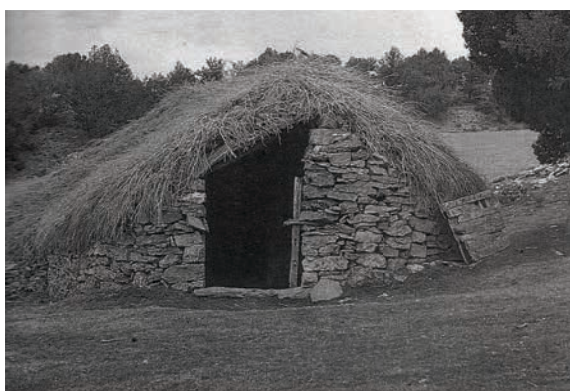


Fig. 16 Abrigo de pastores, Anchuelo del Camino, Guadalajara, Espanha.



Fig. 17 Alçado de palhoça galega.

A palhoça, derivação da planta circular de uma casa castreja, onde, a sua planta, agora elíptica, divide as zonas de armazenamento das colheitas e materiais agrícolas assim como a recolha dos animais, permitindo uma melhor distribuição do espaço de vivência. É considerada uma ponte entre a casa circular e a casa moderna de planta rectangular (Fig. 17, Fig.18, e Fig. 19).

Propõe-se assim a interpretação dos dados visuais e materiais que se encontram na casa em Cambezes do Rio (Fig. 15) e o facto de realmente se assemelhar a uma palhoça (Fig. 16), derivante de uma casa castreja, ou resultante da união de duas casas. Fica aqui a reflexão.

A casa rectangular térrea de paredes graníticas, tem cobertura a duas águas, em colmo e possui uma estrutura bastante simples, constituída por um tronco apoiado sobre os muro das paredes e que faz o papel de cume e uns toscos paus

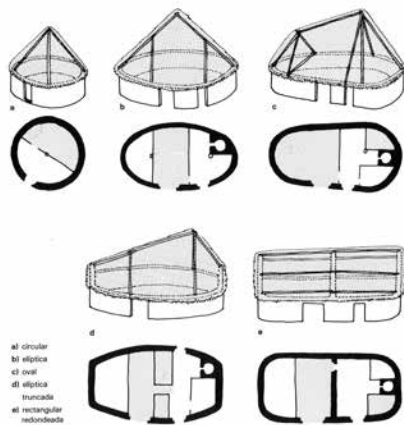


Fig. 18 Diferentes tipologias de palhoças.

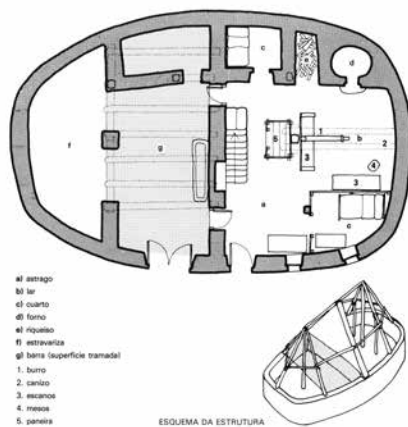


Fig. 19 Planta de uma palhoça.



Fig. 20 Aglomerado de casas (o lugar de Branda da Junqueira), serra da Peneda.

que, ao repousar sobre este, servem como base de sustentação à cobertura.

Com a romanização, teve lugar um forte desenvolvimento cultural generalizado e especificamente nesta área da arquitectura popular, como por exemplo, as paredes pétreas, que, como no caso das esquinas, utilizadas para ligar as paredes umas às

outras, conseguiram concretizar o abandono dos acabamentos circulares, ovais ou elípticos, atrás mencionados. Passou-se, então, à introdução da planta quadrada ou rectangular. Começam a desaparecer os antigos castros podendo observar-se mesmo que o novo tipo de edificação se vai intercalando entre eles até ao momento em que chegam a ser eliminados. Acabaram as anteriores coberturas cónicas, substituídas pelas coberturas a duas águas em que o colmo continua a ser o único material nelas utilizado, para além das já descritas armações de madeira e troncos.

Tendo sido certamente uma derivação da casa circular celta (base da arquitectura castreja), a sua planta passou posteriormente

a rectangular, como fruto de influências de outros povos, servindo assim as

necessidades utilitárias do quotidiano, proporcionando abrigo já não só ao núcleo familiar, mas também aos animais necessários à sobrevivência, com lugar ainda para o armazenamento do cereal. Independentemente das casas, como complemento à habitação, também passaram a surgir outras edificações de cariz meramente utilitário. A cobertura da casa rectangular possui geralmente

um tipo de telhado de duas águas, em colmo, com uma estrutura muito simples, consistindo num tronco apoiado nas paredes e que faz o papel de cume, tendo ainda uns toscos paus que, apoiando-se nele e nas paredes frontal e posterior, servem como base de sustentação aos fixadores do colmo, como já referido anteriormente.

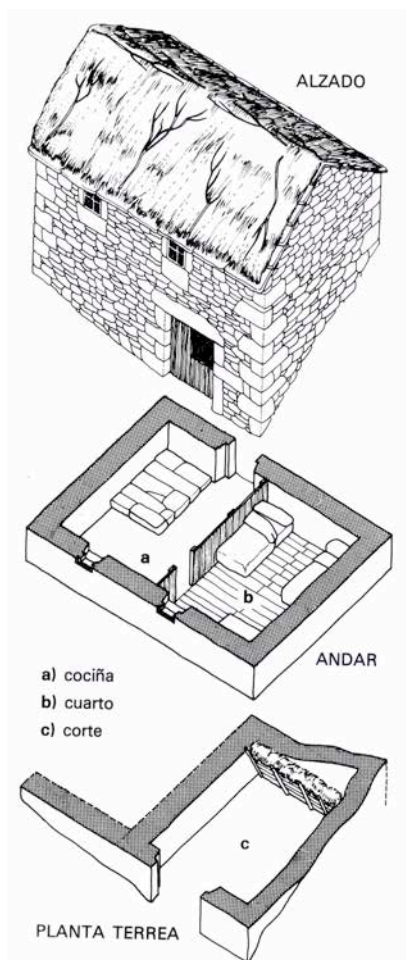


Fig. 21 Esquema de casa rural de planta rectangular de dois pisos com cobertura de colmo.



Fig. 22 Casa rural de dois pisos em Montalegre, Tourém.

2.3.3. Definição, tipologia da casa rural do NO Peninsular

A casa rural do Noroeste Peninsular caracteriza-se por uma planta rectangular de dois pisos (na sua definição mais moderna), e uma cobertura simples de duas ou quatro águas. As paredes, de granito rude e pouco trabalhado, são *aparelhadas*, encaixadas (Fig. 21, e Fig. 22). Na parte inferior da casa encontram-se os animais, na “corte”, o que resulta na sua melhor protecção. Para além disso, sugere-nos um aproveitamento térmico, irradiando o seu calor para a zona de habitação, por cima desta. A entrada para a habitação faz-se por uma escada em lajes de pedras toscas, largas (Fig. 21).

Podemos concluir que o espaço rural de uma aldeia é pensado e desenhado para a função que exerce, nomeadamente a agricultura e o pastoreio. Resultado duma economia fechada sustentada por uma actividade/produção de consumo familiar, sendo o seu maior sustento o cultivo de cereais e a batata, assim como o pastoreio de gado *vacum* e caprino. A arquitectura popular cumpria o propósito do Homem de viver da terra e do que esta, nas condições que o rodeavam (no caso da montanha, o clima tão agreste) lhe dava (não

nos podemos esquecer que analisamos o caso específico das aldeias do Noroeste de Portugal). Intuitivamente tirou partido dos ciclos das estações do ano, criando o seu lugar.

2.3.3.1. Arquitectura do “pão”

Muitas destas construções deixaram de servir de habitação, passando a cumprir a função de anexos da casa principal, servindo de armazém (palheiros), onde guardavam as suas culturas e gado. Mas existe todo um conjunto de infra-estruturas no espaço rural, complementares às suas fainas agrícolas. Já mencionamos anteriormente o importante papel do cereal na vida do Homem. Abrigo e alimento, sacralizado e festejado, são várias as construções que polvilham o mundo rural ao longo dos tempos, servindo de armazenamento e transformação dos cereais, auxiliando e complementando as várias etapas desde o grão precioso ao alimento consumível. É o ciclo do pão.

Assim encontramos pelo menos três tipos essenciais que compõem o espaço rural: áreas de armazenamento (as eiras, espigueiros, palheiros); de transformação (moinhos, fornos, e lagares); de produção artesanal (num outro registo, a transformação da lã e do barro).

As eiras, onde a palha é batida para retirar o cereal (na malhada), eram muitas vezes criadas pelo homem, que, à falta do espaço para o fazer engenhosamente o inventava. Curiosamente, para além das usuais eiras em laje de pedra, podiam-se encontrar também, nas aldeias nortenhas, as eiras feitas com bosta de vaca, guardada ao longo do ano e que era depois batida e alisada para quando seca, servir de base para a malhada, e também como fechamento da porta do forno.

Os espigueiros, elemento singular da nossa arquitectura popular, onde se armazenava o milho depois de colhido, e onde era deixado a secar.

Os palheiros, muitas vezes aproveitando as antigas habitações, mais arcaicas, reconvertendo-as em armazéns.

O moinho, alimentado com a força da água, onde era moído o grão transformando-o em farinha.

O forno, comunitário, onde as mulheres amassavam o pão, trabalhavam e moldavam a farinha até obterem uma bola que era benzida e ia para o forno de onde saía o pão.

2.4. A técnica de construção e aplicação de uma cobertura em colmo no Noroeste Peninsular (Parque Nacional Peneda Gerês)

Historicamente, (porque todos estes exemplos estão agora extintos ou em tão mau estado de conservação, o que torna difícil a tarefa de pesquisa e recolha no tempo presente), conhecem-se vários processos de coberturas vegetais, espalhados por todo o país, utilizados em construções de cariz primitivo, utilizados principalmente como abrigos temporários de pastores.

Mas o caso das coberturas vegetais utilizadas no Noroeste português ao contrário das regiões centro e sul, onde a casa regional se diferencia destas construções, apresenta nas próprias habitações, ainda a aparência, que remonta ao tempo da cultura castreja, a nível da construção e materiais utilizados.

2.4.1. Coberturas em colmo de centeio

O tipo de cobertura em estudo no presente trabalho, com a sua construção mais elementar, diferencia-se de outras, existentes noutras regiões de Portugal, (não abordadas neste estudo), de maior delicadeza e mestria.

Porém, pelas suas características mais arcaizantes, e por se julgar ser a mais próxima das primitivas coberturas vegetais, esta sugere-nos outro tipo de interesse, outra poética, atraindo o olhar de forma diferente.

A arte de colmar praticamente deixou de ser ensinada em Portugal, e até praticada, com o esquecimento das antigas técnicas e o uso de novos materiais de construção. Apenas os mais antigos, conservam o saber.

Com o advento da industrialização, e a substituição do trabalho manual por máquinas de faina agrícola, conseguiu-se realizar tarefas que antigamente

duravam meses. Mas esta modernização, embora trazendo maior eficiência e rapidez, contribuiu também para o desaparecimento de certas actividades que orbitavam em volta das culturas e envolviam a comunidade.

A máquina debulhadora, equivalente mecânica às mulheres ceifeiras e aos malhadores, retira o grão mas não conserva a integridade da palha, partindo-a e agrupando-a em blocos, servindo apenas para forragem dos animais, uma vez que a palha utilizada para colmar as casas deve ser inteiriça. Sendo menos rentável a apanha manual, o modo antigo fica então abandonado no tempo.

Mas não podemos esquecer a importante união na comunidade que estes trabalhos promoviam, e o carácter festivo a eles ligados. No que se refere à cobertura em colmo, tudo começa, muito antes, nos campos de centeio, no seu cultivo, na segada, na malhada, que passaremos a relatar, conforme o que pudemos observar no local, e mesmo participar no lugar de Paredes do Rio, em Montalegre.

A oportunidade de presenciar estas actividades só é actualmente possível devido a pequenos núcleos onde o forte espírito de comunidade povoa ainda estas aldeias, guiada pela mão de algumas pessoas nativas, inspiradas na vontade de manter vivas as tradições.

2.4.1.1. Ciclo dos cereais, a segada e a malhada

O centeio, cereal, carinhosa e respeitosamente apelidado pelas gentes locais de “pão” (porque cada baguinho representa a subsistência tão dura destas terras) é semeado em fins do Verão início do Outono, passa o Inverno e a Primavera na terra, e é colhido encerrando o ciclo, em pleno tempo quente, no Verão. Em Março de 2012 disse-me assim o Sr. António Monteiro, colmador da localidade de Montalegre: “Ao passar do verde para o seco é a altura de cortar o centeio.”

As aldeias do Barroso são conhecidas pelo seu sistema comunitário de entreajuda, divisão das tarefas ligadas à faina agrícola e à distribuição das águas de regadio. Todos cooperam e é durante o Verão, na época da segada e da malhada, que colhem o centeio. O trabalho durava um mês, por vezes mais,

e cada casa ou família, se ajudava entre si. Apenas os cabaneiros, mais pobres, eram trabalhadores pagos, recebendo ao dia (jorna e alimentação), bem como espigas para o seu burro e alguma palha para a cama do porco, e ainda algum colmo para a sua casa. Havia sempre comida e bebida à disposição que o dono do campo providenciava, para manter alegre os seus ajudantes de lida, o que fazia com que o trabalho fosse acompanhado de cantorias e cantares ao desafio. Era uma época festiva. Canta-se, come-se e trabalha-se afincadamente.



Fig. 23 Eira comunitária em pedra, Pitões das Júnias.



Fig. 24 Trabalho na eira comunitária, malhada.

Depois de ceifado, o centeio é, reunido em molhos, e disposto em *medas* no campo, para depois ser transportado para a eira onde se fará a malhada.

Os molhos são atados com “feixes” (*bancelhos*) da própria palha, e fechados em cruz (como podemos ver nos vídeos, parte da recolha e incluídos no trabalho, em anexo). Novamente sacralizado, os primeiros molhos de palha que formam as medas, são colocados em cruz, juntando os outros em espiral até ao topo da meda. No topo faz-se novamente uma cruz com a palha, como protecção do “pão”.

Descrição da colheita do centeio

(segundo conversa com o senhor António Monteiro):

“...Em Setembro é quando se semeia. E depois em fins de Julho é cortado e depois ‘emeda-se’ (ata-se) em uns ‘molhinhos’, numas medas pequenas, coloca-se num carro de bois (antigamente, agora num tractor), agora junta-se mais em cada carro, antigamente era apenas um ‘bloquito’”.

Faz-se a *acarreja*, transporte do centeio, em tractores ou carros de bois como antigamente. *Acarrejados* (trazidos) então da segada, juntam-se os molhos na eira, e com a malhada separa-se o grão de centeio da palha (Fig. 23 e Fig. 24).

Depois da malhada, o colmo é escolhido. Batido, para ficar mais limpo e certinho, e apartado do restante (que servirá de alimento e cama para os animais) será guardado até ao Outono ou quando seja necessário mudar a cobertura da casa.

Para colmar aproveita-se apenas as palhas que são mais fortes e não estão partidas. Tal como já referimos acima, os molhos de colmo são arranjados e amarrados com *bancelhos* (Fig. 25).



Fig. 25 Molhos de palha de centeio amarrados com *bancelhos* à espera de serem transportados para a eira, em Parada do Rio, Montalegre (foto da autora).

Os *bancelhos* ou *vencilhos*, feixes de palha utilizados como cordas, eram usados para juntar a palha em molhos depois da segada e da malhada, assim como para fixar o colmo à estrutura do telhado (ver mais à frente a Fig. 30).



Fig. 26 Exemplo de como a palha era dobrada para criar a corda do *bancelho* (fotos da autora).

Antigamente, as mulheres, no dia anterior à segada, juntavam-se e, preparavam a palha usada para os *bancelhos*. Deslocavam-se ao rio e aí molhavam a palha, deixando-a mais maleável para ser dobrada (Fig. 26). Enquanto uns fazem os molhos, as mulheres, apanham o que fica na eira depois de batido o centeio. A eira é então varrida (*conhada*) com pequenas vassouras feitas de giesta e todo o grão (“pão”) que sobra é aproveitada. As espigas caídas durante a malhada são juntas e arranjadas em molhinhos, intitulados *coscas*, e que é alimento para os burros durante o ano.

Tudo isto já não existe, e, embora o espírito de comunidade ainda persista, já não é necessária toda esta árdua lida de outros tempos. O pão não mais necessita ser feito no forno comunitário. Os diferentes cereais como o trigo e o milho, chegam à região, outrora fechada e isolada, através das vias de comunicação disponíveis, embora nem sempre fáceis de percorrer, como pude constatar. As padarias locais fornecem o pão diariamente o que, compreensivelmente, tornou menos atractiva e mais dispendiosa a actividade anterior de “trabalhar o centeio”. Cozia-se de 15 em 15 dias e o pão mantinha-se fresco nas “masseiras”, peça de mobiliário essencial. O pão surge agora, trazido todos os dias pelo padeiro, talvez não tão saudável e saboroso como o de antigamente, mas em mais variedade e disponível com maior rapidez,

característica da sociedade moderna. Também as pessoas não vivem mais só da terra e do que esta lhe dá; os jovens trabalham e estudam nas cidades.

Deste retorno às origens, abordado ao longo deste trabalho, faz parte o reviver da memória e costumes de outras épocas. Para que não caiam no esquecimento, e façam parte de algo que apenas vagamente se recordam os mais jovens, o Ecomuseu do Barroso, com a ajuda das gentes de cada lugar do concelho de Montalegre, promove “encenações” onde se revivem estas tradições.

– As recolhas fotográficas e vídeo que efectuei e incluo no meu estudo, em anexo, reflectem uma destas “representações”, onde pude participar, no lugar de Paredes do Rio –.



Fig. 27 “Mulheres ceifando” (desenho da autora).

Seguindo a tradição da colheita do centeio, no mês de Agosto, reúne-se o maior número de habitantes e também os emigrantes de visita aos familiares (para além dos turistas, convidados a observar e participar), e recriam-se as diferentes fases da segada e da malhada. Não tendo a mesma finalidade de antigamente, este processo executa-se hoje, representando, como se de uma peça de teatro se tratasse, essas diferentes fases. Uma vez que o centeio já não é, actualmente, o cereal de eleição das terras do Barroso, na sua dupla função de alimento e cobertura vegetal, a encenação é meramente simbólica do seu aspecto artesanal. Na área em estudo, a construção, e, devido à introdução de novos materiais, o mesmo problema subsiste, mais complexo, uma vez que não existe por parte dos jovens, interesse em dar continuidade a estas artes, que se mantêm assim, apenas no conhecimento dos mais idosos, mas que já vão tendo pouca saúde para as executar. Se não forem tomadas medidas de protecção e preservação desta tradição ancestral, esse conhecimento morrerá com eles.

Como antes referido, o caminho que leva o centeio, de alimento a abrigo, passa por várias fases, do corte até à preparação do colmo, relatado até este ponto.

Iremos então agora, focar o aspecto da cobertura em si, sua forma e modo de aplicação.

2.4.2. Constituição de um telhado em colmo de uma planta de casa rectangular

Para além das informações e conclusões retiradas oralmente, em conversa com o colmador, Sr. António Monteiro, pude constatar eu mesma, através da pesquisa feita em Montalegre, alguns pormenores da colmagem.

Complementando também com o livro “Construções Primitivas em Portugal”, onde a arte de colocar uma cobertura em colmo se encontra descrita de modo exaustivo, sendo este um dos poucos estudos escritos detalhados sobre o tema das antigas habitações do território português, executado ainda numa época em que a actividade de colmar as casas era muito frequente no país.

Apesar da disponibilidade do Sr. António para me explicar a teoria, deparei-me com a dificuldade de observação de uma colmagem na prática, uma vez que, apesar da reconstituição que fazem das antigas segadas e malhadas, estranhamente não guardam o colmo para as coberturas que, como é sabido, caíram em desuso, reservando tudo para os animais, não estando portanto preparado algum colmo para demonstração do acto de colmar.

No entanto, houve algum esforço do colmador para que, no moinho comunitário/ pisão, que estão a preservar (por iniciativa do Ecomuseu) eu pudesse compreender oralmente a técnica a ser usada, através do colmo velho que ali se encontra (o qual irá ser substituído, quando houver dinheiro e material para isso).

2.4.2.1. Estrutura

- O telhado destas casas, geralmente de duas ou três águas, conforme a sua estrutura, característico de zonas onde existe bastante pluviosidade e queda de neve⁵, adopta uma forma triangular de um ângulo mais ou menos entre 45° a 50°, o que permite o escoar de água resultante das chuvas e da neve acumulada.

- A cobertura em colmo denominada *colmadura* ou *colmaço* que cobre a casa era aplicada sobre uma estrutura simples de madeira.

Para uma melhor compreensão dos elementos que compõem a estrutura, elaborei um esquema de desenhos ilustrativos (Fig. 29 na página seguinte).

Partindo da imagem de uma casa local em ruínas (Fig. 28 ao lado), outrora com telhado em colmo, onde ainda se



Fig. 28 Casa em ruínas com vestígios de estrutura suporte de cobertura em colmo em Paredes do Rio, Montalegre (foto da autora).

⁵ A forma de um telhado modifica consoante vários factores, mas principalmente pelo clima. Bachelard reflecte sobre o assunto: “ Os geógrafos sempre mencionam que em cada país a inclinação do telhado é um dos sinais mais seguros do seu clima” (Bachelard, 1996: 36).

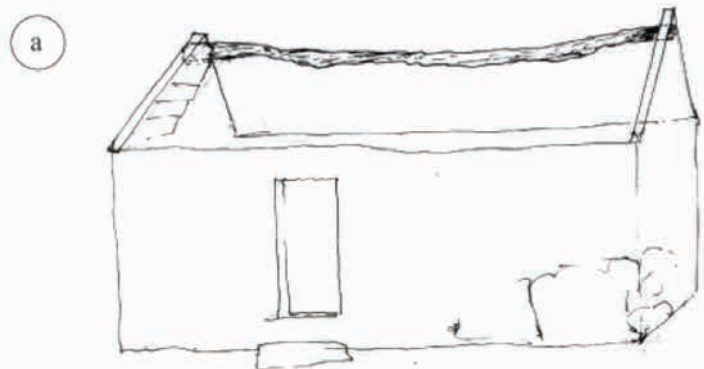


Fig. 29 – Elementos estruturais construtivos de uma telhado com cobertura em colmo (desenhos da autora).

encontram alguns vestígios da sua estrutura original, tenta-se explicar o processo, o qual passo a descrever:

Paus ou *varedos* (*caibros*) verticais, paralelos entre si, apoiados nas paredes laterais (Fig. 29, letra *b*), tendo no cume uma viga de madeira grossa, elemento de ligação principal, que vai sustentar todo o conjunto (Fig. 29, letra *a*).

Esta trave vai assentar por sua vez no vértice das paredes e encaixado nas empenas de pedra (Fig. 29, letra *a*).

A estrutura é ainda constituído por um ripado de paus colocados horizontalmente (Fig. 29, letra *c*), pregados por cima da estrutura simples de *varedo*, formando uma malha, que irá sustentar o colmo (Fig.29, letra *d*), muitas vezes preso à estrutura por nós feitos com uma corda de palha (conhecidos por *bancelhos* ou *vencilhos*).



Fig. 30 Interior de uma cobertura em colmo onde são visíveis os *bancelhos* amarrando o ripado de *varedo*.

2.4.2.2. Colocação – Proteção – Compostura

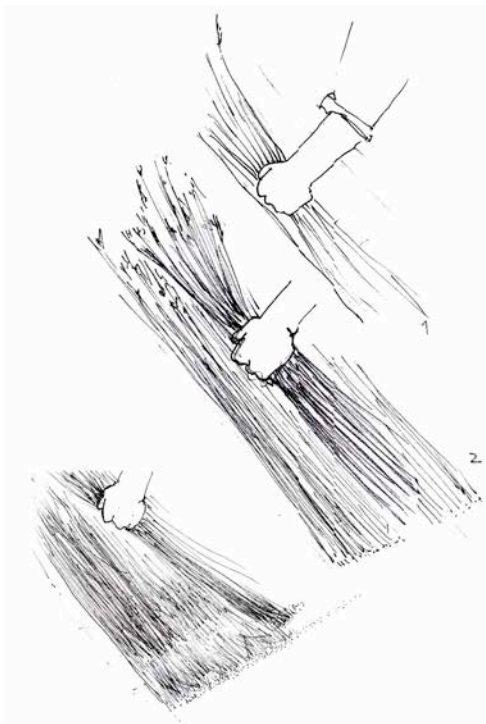


Fig. 31 “Modo de colocar o colmo”
(desenho da autora).

2.4.2.2.1. Colocação

Para poder ser utilizado, é necessário primeiro preparar o colmo. Na véspera da sua colocação é humedecido, para que não escorreguem as palhas e melhor se unam umas às outras. O material é colocado no sentido ascendente, de baixo para cima, sempre em fiadas de palha, partindo do canto direito da estrutura, “(...) de modo a que o colmador recue sempre para a esquerda.” (segundo Ernesto Veiga de Oliveira no livro “ Construções Primitivas em Portugal”), no sentido longitudinal. Para facilitar a tarefa, o volume das



Fig. 32 Colocação do colmo, Celorico de Basto.



Fig. 33 Colmagem, Celorico de Basto.

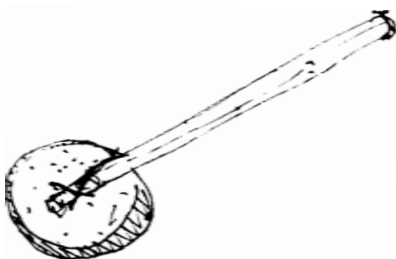


Fig. 34 "Colmadeira" (desenho da autora).



Fig. 35 Assentamento do colmo com colmadeira, Celorico de Basto.

medas/fiadas de palha não pode ser excessivo, de modo a que caiba entre as mãos (Fig. 31) de quem o aplica (no Barroso, estas medas são conhecidas por "panadas").

Antes de as assentar, o colmador, mantendo-se de pé, recebe os pequenos feixes que, bate "a prumo" contra qualquer superfície horizontal (com a parte da espiga da palha virada para cima) de modo a alinhá-las na mesma direcção (Fig. 32). Esta é a primeira fiada, colocada junto aos beirais.

As fiadas posteriores, que vão subindo em direcção ao cume são colocadas, de modos distintos, conforme o tipo de colmagem característico da região.

A cobertura que estamos a descrever é lisa, sendo assim, as "panadas" serão agora batidas muito inclinadas, ficando a base das palhas em bisel, para melhor impedir que a água penetre no interior da habitação. São retiradas também as palhas que fiquem soltas para que não pendam para o interior, e façam deslizar a água da chuva para o interior da habitação. (Fig.33)

Com o auxílio das mãos ou de um instrumento em cortiça com uma pega (*colmadeira*), semelhante a uma pá (Fig.34), acama-se o colmo, batendo-o (Fig.35).

O cume da cobertura leva ainda uma camada de palha a rematá-la (*cumeada*)



Fig. 36 Cume de cobertura preso por paus e pedras, Cabeceiras de Basto.

(Fig. 36). Na serra do Barroso, era possível observar ainda, segundo documentação fotográfica e descrição literária, a existência de pequenas chaminés (fig.37), aberturas feitas no colmo, e que permitiam a saída do fumo do lume e do fumeiro das carnes (chouriços e presuntos, etc.).



Fig. 37 Boca de saída de fumo (chaminé) nas coberturas de colmo.

2.4.2.2.2. Proteção

Como já mencionamos anteriormente, devido ao forte vento que se faz sentir em zonas montanhosas de maior altitude, o colmo era fixado à cobertura com alguns elementos extra, para os ilustrar, utilizaremos o seguinte desenho (presente no livro “Construções Primitivas em Portugal, p. 299), exemplificativo dos vários modos de proteger as coberturas do vento;

- *latas* (elementos pétreos) amarrados por arames (ver à frente Fig. 38. imagem *h*), que desciam do cume até à beirada, muitas vezes pendendo para a parede, actuando como pesos. Estas pedras (*latas*), constituíam uma prisão ao colmo auxiliados também por;
- paus ou *travessos*, pequenos troncos ou ramos das árvores ou giestas, aplicados em cima da palha (ver à frente Fig. 38, imagem *e*), e que funcionavam como os ganchos que prendem uma cabeleira, neste caso uma “cabeleira” de palha, de modo a não voar.

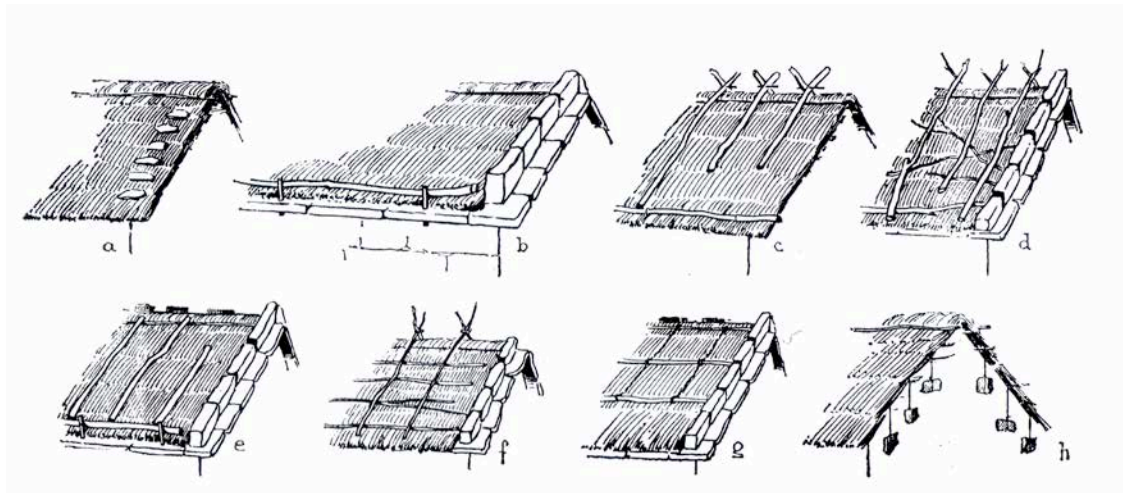


Fig. 38 Representação dos vários processos de prisão das coberturas em colmo.

Também se pode observar a aplicação destes paus em *tesoura* (Fig. 38, imagens *c*, *d*, e *f*, e Fig. 39, Fig. 40 e Fig. 41) , ou seja, colocando-os verticalmente de ambos os lados (vertentes), a partir do cume, cruzando. Normalmente são unidos por um prego de madeira, ou mesmo com uma corda de palha ou *bancelho*.



Fig. 39 Pormenor de cume de cobertura em colmo com travessos em *tesoura*, Pitões das Júnias.



Fig. 40 Cobertura com travessos em *tesoura*, Pitões das Júnias.



Fig. 41 Casas com cobertura em colmo com travessos em *tesoura*, Castro Laboreiro



Fig. 42 Cobertura de colmo presa por travessos em tesoura e pedras, Arouca.



Fig. 43 Capeado de pedras, Freixo de Espada à Cinta

Por vezes também, com os travessos de madeira, colocavam-se pedras para poder segurar melhor o *colmaço* (cobertura em colmo) (Fig. 42).

Para além destes elementos, era colocado um *capeado* de pedras (*cápeas*), toscas ou “aparelhadas” (Fig. 38, imagens *a, b, d, f e g*, e Fig. 43), rematando a parede, lateralmente, colocadas nas empenas da casa, permitindo proteger o telhado dos ventos laterais.

2.4.2.2.3. Compostura

O colmo necessário para cobrir uma casa equivale a um campo cultivado, o que corresponde aproximadamente a 200 colmos. As coberturas em colmo são espessas, de modo a criar melhor isolamento térmico, obrigando a um grande volume de material para a sua construção. Colocado em várias camadas, a espessura do colmo pode chegar aos 40 centímetros. Cada camada é equivalente a uma telha, colocada em sobreposição, é considerada um colmo, assim sendo, 2 telhas correspondem mais ou menos a 2 molhos e meio, ou

seja, dois colmos são cinco molhos de centeio. A cobertura é feita em camadas sobrepostas de colmo, chegando a atingir uma espessura de 40 a 50 cm.

2.4.2.3 Manutenção

Estas coberturas podem durar entre 5 a 6 anos, mas ao longo do tempo necessitam de alguma manutenção, devido a pequenas infiltrações de água que podem surgir ao longo do tempo e dos fumos do interior da habitação (lareira /fumeiro), que assim como protegiam, proporcionando uma camada protectora, também fragilizavam o colmo. Para isso, o colmador retira as palhas e substitui localmente as que estão danificadas, sem necessidade de mudar totalmente a cobertura (Fig. 44). A manutenção destas coberturas vegetais

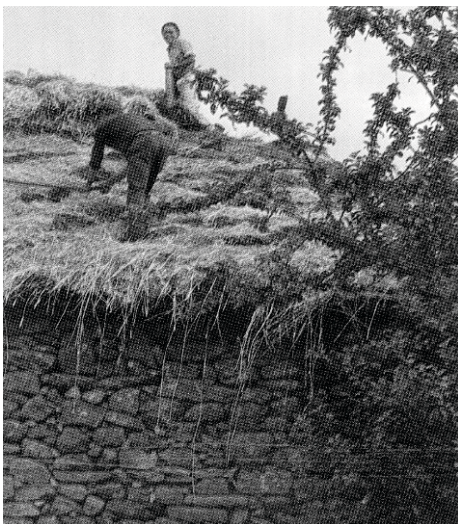


Fig. 44 Reparação de uma cobertura em colmo.

obriga a um esforço maior que as telhas de barro, já industrializadas, uma vez que é necessário manter armazenados e preparados os molhos de palha para o colmo. Antigamente, enquanto a apanha do cereal era feita manualmente, havia material em abundância, mas ao longo dos tempos, com a mecanização, que permite efectuar a apanha e a separação do grão em simultâneo, mas não conserva a palha inteira, o costume foi sendo esquecido e posto de parte, como já antes referido.

2.5 À Memória e Conservação, contributos para uma reflexão

2.5.1. A sustentabilidade de uma arquitetura ligada ao passado

“Os primeiros abrigos dos grupos de caçadores-recolectores são, até ao Mesolítico cavernas, tendas e pára-ventos, assim como cabanas.

O nomadismo permitia apenas a construção de abrigos provisórios feitos com a ajuda do material disponível em cada lugar. No Neolítico cumpre-se a passagem revolucionária para a agricultura. Uma parte da população primitiva sedentariza-se, tornando-se necessária uma casa estável para os Homens, os animais e as suas provisões. As técnicas primitivas de construção melhoram pouco a pouco, e surgem as primeiras casas semi-sólidas e de aparência mais robusta” (Godivier *et al.*, 1998: 100).

Poder-se-ia supor (ou reflectir) que, onde antes se idealizava o conforto, numa tentativa de sobrevivência e de adaptação ao meio que rodeava o Homem, se antes se buscava o conforto, se junta actualmente uma preocupação por valores ecológicos e de sustentabilidade do planeta, assim como (agora existe) a busca de uma identidade perdida através da preservação de um património cultural, material e imaterial. Embora tendo em conta razões sociais de extrema pobreza, que estes modos de vida, reflectiam, e não pretendendo glorificar tais tempos, de um difícil quotidiano, conseguir integrar as técnicas antigas, tão cheios de sabedoria, com os conhecimentos e tecnologias que permitem um melhor modo de vida, será pois o objectivo a atingir.

2.6. A questão da passagem de testemunho

“Por outro lado, em épocas recentes, as sociedades baseavam-se na transmissão activa do saber técnico, dos ofícios, de condutas de vida; a experiência ajustava-se com a ideia de um tempo progressivo, segundo uma evolução sujeita a uma acumulação de conhecimentos que registava a sucessão sequencial dos acontecimentos. Porém, agora, encontramos-nos frente a uma civilização onde se exerce, de maneira generalizada, um culto frenético à inovação contínua, onde inclusive o papel das competências profissionais se torna funcional na busca saudosa do presente e a antecipação futurista do amanhã” (Pizza, 2000: 8).

Mas a ignorância combate-se com o conhecimento⁶. O mesmo meio que condiciona é o mesmo que faz evoluir, revelar, construir, reflectir, sem cessar, mesmo quando as respostas já parecem suficientes. Nunca o são. O Homem tem necessidade de ir mais além. Que o digam os antropólogos, os arqueólogos, os arquitectos, os filósofos e os artistas, que, juntamente com todos os anónimos e, sinceros e interessados, possuidores de uma sabedoria empírica e intuitiva, têm dado o seu contributo para a concretização de um dos mais íntimos e ancestrais sonhos do Homem, saber quem é, de onde vem, para onde vai...

Segundo o Arqt.^o José Gomes Alvarez, acerca da questão da protecção, e conservação do património:

“a melhor conservação, diríamos a única possível é a utilização. Conserva-se uma casa um bairro velho, um convento abandonado, uma aldeia, usando-a, vivendo-a, isto é, possibilitando aos seus utilizadores ou habitantes as condições de vida digna que lhes permitam orgulhar-se de si e do lugar onde vivem. Assim, evidente se torna o que não é legítimo, sob o pretexto de conservar manifestações de cultura e da História de um povo, como seria o caso da arquitectura popular, manter certas condições de vida, muitas vezes abaixo do mínimo aceitável; será preciso encontrar uma fórmula que, tornando possível o progresso de tais núcleos e dos seus moradores, conserve para as gerações futuras toda a surpreendente e inestimável riqueza cultural que a sua existência faz supor” (Alvarez, 1978).

Neste sentido, considerando a ideia de que a vivência de um local é também em si mesma um modo de conservação (pode-se pensar que, uma vez que as pessoas habitam o lugar, a sua história é também património), seria talvez interessante, porque não, pegar na casa de Cambezes do Rio, no Barroso, que

⁶ Edgar Morin afirmou, “Neste sentido, a cultura deve ser transmitida, ensinada, aprendida, quer dizer, reproduzida em cada novo indivíduo, no seu período de aprendizagem, para se poder auto-perpetuar e para perpetuar a alta complexidade social” (Morin, 1973: 75).

neste momento se encontra num estado bastante debilitado, e criar um projecto, com a autarquia e o Ecomuseu, no sentido de recuperá-la.

2.6.1. O Ecomuseu do Barroso e o seu papel na comunidade

Para a conservação do património material, imaterial e memória, muito tem contribuído o projecto do Ecomuseu de Montalegre com a ajuda preciosa e podemos dizer orgulhosa e entusiasta da comunidade local. É um dos poucos do país que mantém uma certa actividade dinâmica, talvez característica da terra, talvez por via de algumas pessoas locais, por maior interesse e conhecimento. Não podendo esquecer o Padre Fontes, figura muito querida na terra, dedicada à promoção e valorização do Barroso.

Um Ecomuseu caracteriza-se pela preservação e sensibilização para a educação da conservação do meio ambiente onde estas comunidades se inserem, com o propósito de, como já referenciado, preservar o património imaterial e edificado, as tradições e modos antigos que constroem uma identidade cultural, e, ao mesmo tempo, incluir as gentes locais, colocando-as como principais dinamizadores da passagem de testemunho. Porque as suas histórias “vivem” nos lugares, as aldeias passaram a ser palco de reconstituições dos ritos de trabalho ligados à agricultura, ao ciclo do “pão” e ao muito procurado fumeiro de carnes, podendo participar quem queira. Também as construções relacionadas com a manufactura do pão, dos tecidos (burel) e do artesanato local têm vindo a sofrer obras de restauro e transformação para posterior musealização, (caso do moinho comunitário/pisão e do forno, em Paredes do Rio). Esta ideia de um museu “vivo”, surge de uma nova compreensão da necessária contextualização dos objectos e tradições da memória colectiva no seu universo popular, assim como do ambiente em torno, que povoou a cabeça do artesão que os imaginou. Estas tradições do saber fazer, algumas já extintas no tempo, também por lembrança de uma miséria e uma vida muito dura de montanha, correm o risco de desaparecer. Fruto destes complicados anos, e aliado a um “chico-espertismo”, que nada tem a ver com sabedoria e aproveitamento de materiais do modo correcto, substituíram-se as

técnicas por outras mais actuais, que na prática não se adequam ao clima agreste das terras montanhosas, pelo contrário, as descaracterizam.

2.7. A técnica das coberturas de colmo e a sua aplicação na arquitetura contemporânea

Actualmente, podemos encontrar ainda, em alguns países, exemplos de continuidade na aplicação das coberturas em colmo na actualidade, integrando-a na arquitectura contemporânea, preservando a técnica antiga manual de aplicação, protegendo-a, e promovendo o seu ensino. O processo de utilização das coberturas vegetais é um fenómeno transversal a todas as culturas, verificando-se a sua existência um pouco por todo o lado, variando (como já anteriormente foi afirmado), conforme o material que têm à sua disposição, o clima e as ideias que definem cada uma das culturas humanas.

A introdução de novos materiais, ecológicos, que, conjugados com a técnica tradicional optimizam o seu desempenho (porém mantendo a sua imagem tradicional), concedendo-lhe mais segurança (resolvendo questões prementes tais como o isolamento e a protecção contra incêndios), contribui para a continuidade da sua utilização, tornando-a mais versátil, adaptada aos tempos modernos. Existem já algumas soluções para o principal problema destas coberturas, o fogo; certos produtos são retardadores de incêndios (placas colocadas entre o colmo e o interior da casa, na estrutura de madeira, dispositivos electrónicos que controlam a temperatura das coberturas, avisando a possibilidade de fogo), outros isolam, condicionando o fogo a uma parte da cobertura, prevenindo um estrago mais extenso. Embora estas técnicas sejam já utilizadas para a protecção das habitações de possíveis fogos, ainda não foi encontrada a melhor solução, o que porém, não inviabiliza a construção contemporâneas destas coberturas.

No meu percurso de investigação acerca do tema das coberturas em colmo, deparei-me com um organismo de protecção, ensino, e valorização do colmo em suas variantes internacionais, a Sociedade Internacional de Colmadores (International Thatching Society).

2.7.1. A preservação das técnicas manuais construtivas vernaculares na arquitectura contemporânea

A Sociedade Internacional de Colmadores (www.thatchers.eu), formada pela Finlândia, a Holanda, Inglaterra, o Japão, Suécia, Alemanha e a África do Sul, países estes que ainda utilizam o colmo como cobertura de casas. Esta organização empreende, na busca de soluções que tornem o colmo uma técnica em sintonia com as técnicas actuais de construção, e o conforto que elas oferecem, melhorando o seu desempenho como material construtivo.

Através da promoção de encontros internacionais (congressos), procuram acima de tudo, a partilha de conhecimento e a entreajuda, através do debate e exibição da diversidade que cada um dos países membros da I.T.S. apresenta (as suas associações nacionais de colmadores e seus representantes).

Para isso, apostam também, para além da formação de técnicos especializados (colmadores), na promoção da técnica junto de Universidades e centros de investigação, profissionais da área da construção, arquitectos e engenheiros (divulgando para tal, em feiras relacionadas com a construção), sendo a contemporaneidade e a busca de novas formas de utilizar o colmo como material construtivo e mesmo decorativo, igualmente uma das suas intenções. Uma das suas maiores preocupações, é o tratamento do material natural, de modo a evitar o grande perigo de incêndio, o qual no nosso país, para além da sua manutenção dispendiosa e mão de obra praticamente escassa, foi a principal razão de termos abandonado, em Portugal, tal técnica.

São então estas as ideias gerais e questões mais importantes debatidas e analisadas:

Isolamento e espessura do colmo; incêndios e retardadores de incêndios; combinação de outros materiais, ecológicos, que respeitem a técnica tradicional das coberturas em colmo, optimizando-a; arquitectura tradicional e as suas regras de construção em diálogo com novas formas e soluções criativas para a aplicação do colmo; o tipo de colmo utilizado ser o mais apropriado para o clima onde é instalada a cobertura, em simbiose com a paisagem e a natureza envolvente; promover e ensinar a técnica tradicional, divulgando-a, apostando também na comunicação junto de Universidades e

centros de investigação, trazendo novas ideias; assim como, permitir às comunidades conhecer e compreender as suas tradições, através do ensino e preservação das tradições inerentes às suas regiões.



Fig. 45 Utilização do colmo na arquitectura contemporânea, cobertura e paredes, Holanda.

Na Holanda, país pertencente à Sociedade Internacional de Colmadores, as coberturas em colmo “vivem” ainda actualmente, não apenas através da reabilitação de antigas construções, mas também pela utilização em edifícios novos, de traço contemporâneo, explorando novas formas de colocação do colmo nas casas. Uma das suas inovações

é a colocação do colmo nas paredes externas, sobrepondo-o a outros materiais de construção (Fig. 45).

Para além desta sociedade, existem cooperações entre países, promovendo a troca de ideias e intercâmbio de artesãos e arquitectos, utilizando as técnicas tradicionais de construção, onde se inclui o colmo. Como exemplo, tomo o *Raiding Project*, com a participação do arquitecto japonês Terunobu Fujimori (Fig. 53 na página seguinte).

Raiding Project é uma organização que promoveu o intercâmbio cultural entre o Japão e a Áustria, fomentando a sua ligação, sendo também o seu propósito a construção e manutenção de edifícios feitos neste contexto.

A *StorkHouse* e a *Hara House* são duas casas construídas no âmbito do projecto, sendo a primeira da autoria de Terunobu Fujimori.

Incluo *StorkHouse* neste trabalho, porque esta casa é mais um exemplo da utilização contemporânea das coberturas em colmo na arquitectura.

Nas suas obras, Fujimori emprega as técnicas antigas de construção japonesas, entre as quais, a cobertura das habitações em colmo (Fig. 46-48), utilizadas principalmente em templos e casas de chá. Podemos observar na Fig. 48 o processo de colocação da cobertura em colmo sobre uma estrutura em madeira.



Fig. 46 Casa Storkhouse (Casa da Cegonha), Áustria.



Fig. 47 O autor, Terunobu Fujimori, observa a cegonha residente, ave que dá nome à casa da sua autoria.



Fig. 48 Aplicação da cobertura em colmo na casa Storkhouse.

No nosso país existem algumas empresas que comercializam colmo sintético para guarda-sóis e estruturas de praia, mas penso ser mais importante citar e procurar exemplos como a “I.T.S.” ou o “Raiding Project”, na sequência deste presente trabalho, uma vez mais por ir de encontro a tudo o que foi abordado.

E por não me parecem enquadradas, uma vez que até o aspecto delas sugere outras paisagens, mais tropicais, longe da nossa realidade. Não pretendo menosprezar o material sintético, (como já à muitos anos é utilizado nos países nórdicos substituindo o colmo natural), porém, acredito e defendo a ideia de se criar um tipo de material de características que se adequem, e se harmonizem com as nossas paisagens e tradições.

Fica a questão e a vontade de conseguir fazer uma simbiose, entre o novo e o antigo, praticando uma arquitectura que una a preocupação ambiental, cultural e de conforto, unindo todo o saber e técnica, evoluindo. Não virarmos as costas ao passado, mas integrando-o no nosso futuro.

O caso das coberturas de colmo, do P.N.P.G., Alto Barroso;

Julgo ser necessária a valorização de toda uma cultura existente na região em estudo, realçando os valores positivos dessa mesma cultura, no que se refere à proximidade do homem com a natureza, o que não significa menosprezar todo o desenvolvimento e progresso adquiridos, desde que se mantenha o equilíbrio, o bom senso, e a sabedoria de enquadrar o progresso num sistema

sustentável e ecologicamente responsável. Sem a utilização da tecnologia poluente, quer a nível da alimentação, quer a nível da construção, dando preferência aos meios que o progresso trouxe sim, mas não a qualquer preço. Estar atentos aos sinais que a natureza nos transmite, cada vez mais intensa e diariamente.

Apesar de tudo, acredito que a essência original não está perdida e as tentativas e acções para a recuperar são numerosas e verdadeiramente interessadas.

Existe em diferentes locais e também nesta região do Barroso, onde como atrás dizia, se procura, pelo menos, manter viva a memória colectiva, através de actividades que o seu Ecomuseu, em Montalegre, mantém e dinamiza.

O Parque (Nacional Peneda Gerês), como organismo de protecção e preservação da Natureza (fauna, flora, paisagem natural) e costumes e tradições das aldeias serranas nele englobadas, poderia viabilizar projectos dentro da área em estudo, começando por criar dentro do próprio Parque algumas oficinas de ensino e aprendizagem da técnica de aplicação do colmo, em comunhão com os próprios habitantes mais antigos, detentores de um vasto conhecimento e sabedoria.

Seria uma área a considerar a nível da investigação universitária, sobretudo em Arquitectura, Design e Belas Artes, no intuito de salvaguardar os valores etnográficos e antropológicos dos elementos da arquitectura popular (como exemplo: trazendo novas abordagens ao processo aplicativo e construtivo).

Mas, para que tal possa acontecer, será necessário a conjugação dos interesses dos habitantes com o interesse do Parque, por exemplo: nas eco aldeias, propiciar o financiamento da plantação do centeio, cuja palha seria colhida no modo artesanal (onde não é quebrada e automaticamente compactada em fardos), podendo assim ser utilizada para a construção de coberturas em colmo.

3. O abrigo, a cobertura em colmo e o ninho: forma, função, emoção

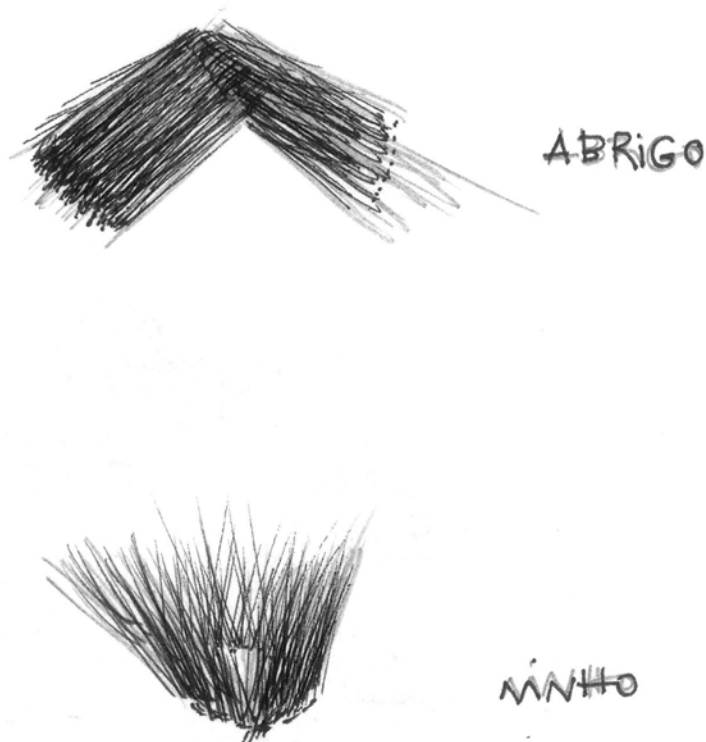


Fig. 49 “Abrigo: telhado de colmo, ninho” (desenho da autora).

A ideia surgiu ao relacionar a forma do telhado em V invertido, com a de um ninho, que sugere um V ascendente, e que conduziu de novo para a questão do habitáculo, reflectindo agora sobre o abrigo não só como objecto construído, mas, também, como a imagem poética, sensorial que nos evoca.

Idealizei então esta outra peça, um ninho, como contraponto à peça do telhado, por considerar interessante a diferente dinâmica que estas duas formas, ambas abrigo e protecção, de estrutura e materiais semelhantes, tão simplesmente lembram.

Se olharmos apenas para a forma de um telhado e de um ninho, podemos interpretar o primeiro, virado para baixo, como princípio do abrigo, protecção do sol e da chuva;

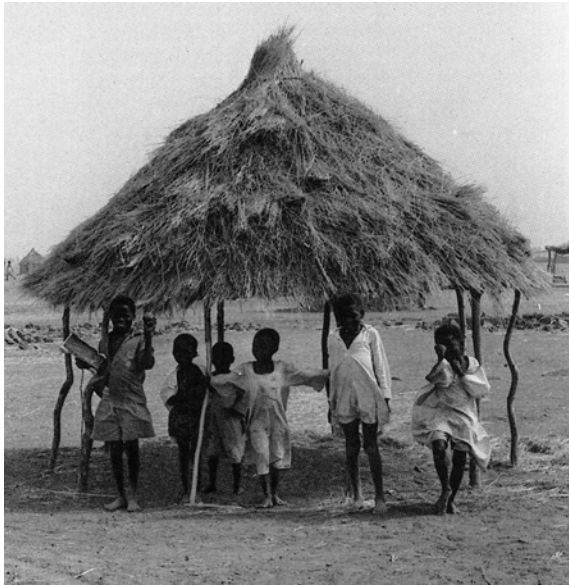


Fig. 50 Palhota, África.



Fig. 51 Obra escultórica "Das Nest",
de Nils Udo

Virado para cima, o segundo, é a imagem do sonho. Lugar de contemplação e conforto, o ninho actua como um receptáculo para o corpo, aconchego, e segurança, mas que pode ser interpretado como o início de uma viagem, de busca. É uma forma que, protegendo, abre para o mundo.

Ambos possuem um carácter efémero, temporário, sugerido pelo material vegetal utilizado, palha, e pretendem fundir-se com a paisagem.

Mas também as identificamos como lugar poético, onde todas as nuances, imperfeições e cantos obscuros residem, onde a imaginação se liberta, e cria, onde o devaneio artístico (termo utilizado por Bachelard, no livro "A Poética do Espaço") encontra o seu lugar, onde o pensamento ganha asas e voa.

A Oriente, podemos observar o conceito de casa de chá japonesa,

tradicionalmente uma cabana de palha, construída no exterior, incorporando na essência do seu significado o carácter efémero da sua construção; "SUKYA" (sala-de-chá) no seu termo original pretende geralmente designar o "Domicílio da Fantasia", do "Vazio" (a necessidade de mudança, transformação) ou do "Assimétrico" (Imperfeito) (Okakusa, 2009: 47).

"Na sala de chá a fugacidade é sugerida pelo telhado de colmo, a fragilidade pelos pilares esbeltos a leveza pelo suporte de bambu, o descuido aparente pelo uso de materiais vulgares. O eterno

encontra-se apenas no espírito, que, incorporado nestes ambientes simples, os embeleza com a luz subtil do seu requinte” (Okakusa, 2009: 56).

A utilização do colmo nas casas orientais, enche-se de um significado onírico de transição.

A casa de chá japonesa é o abrigo do sonho. Para o budismo zen, onde o espírito prevalece sobre a matéria, o corpo é apenas um abrigo temporário, solúvel, que se mistura com o que o rodeia, onde a fragilidade do instante está presente.” Assim também é a casa construída, um abrigo temporário para o corpo. Mas o conceito de casa, aplicado ao lugar poético, ultrapassa os seus limites físicos ao elevá-la ao sentimento, à emoção, a memória, ao lugar do coração. “Volta-se a ela, sonha-se voltar como o pássaro volta ao ninho (...)” (Bachelard, 1996: 111).

Assim como o barulho da água a ferver evoca aos amantes de chá japoneses o som do vento nas folhas de uma árvore (Tanizaki, 1999: 27), a casa coberta por uma espessa camada de colmo sugere ao artista a imagem de um ninho, apelando ao sentimento, ao sonho.

Van Gogh reproduziu em vários quadros a paisagem rural que o rodeava, descrevendo em carta ao seu irmão Theo, a imagem: “A choupana com tecto de palha fez-me pensar no ninho de um rouxinol” (Bachelard, 1996: 110).

Ou a memória que Miguel Torga guarda de sua terra natal, Trás-os-Montes, retratando, na imagem cândida da sua infância de trepador de árvores;

“Os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos. E quem namora ninhos cá de baixo, se realmente é capaz, e não tem medo das alturas, depois de trepar e atingir a crista do sonho, contempla a bem aventurança” (Torga, 1993: 27).

A função primitiva do abrigo é proteger e defender, umas varas e algo que nos cubra, permite-nos fazer frente seja ao sol ou à chuva. O engenho e criatividade do Homem, possibilitou-lhe sair da caverna para o exterior, mas trazendo consigo a forma que lhe permitiu explorar o que o rodeava,

progredindo no território e na sua sabedoria, mas conseguindo proteger os seus bens e a sua família.

A casa no seu estado mais puro é um abrigo, mas o abrigo vivido torna-se uma casa. O conceito de casa é um sentimento, que, independentemente de ser algo material, surge como uma ideia, um cheiro, uma cor, um paladar. Conseguimos “sentir” a casa. Lugar físico ou onírico, lembrança ou sentimento, a casa/ninho alberga em si a vontade de voltar, mas também de partir: “ (...) lugar é pausa” (Tuan, 1977: 6).

Para Yu Fu Tuan, geógrafo:

“espaço e lugar necessitam um do outro para a sua definição. Da segurança e estabilidade do lugar somos acordados para a oportunidade da imensidão, liberdade, o medo do espaço e vice-versa” (*Ibidem*).

Lugar é sinónimo de espaço. Mas a palavra espaço compreende a imagem de extensão, de algo a conquistar, por preencher, enquanto lugar sugere o espaço conquistado, experimentado, já “andado”. É intervalo, uma paragem ou um retornar a algo.



Fig. 52 “Ninho, lugar do sonho” (desenho da autora).

“Lugar é segurança, espaço é liberdade: encontramos-nos presos a um e desejamos o outro” (Tuan, 1977: 3).

Telhado ou ninho, ambos albergam o corpo, o espírito, a memória, é o lugar construído. Tecido e alicerçado, tomado e conquistado ao espaço, onde, camada a camada, as finas palhas delicadas, que proveram alimento, se acumulam, em fiadas espessas sobrepostas, ou delicadamente colocadas no ninho com a minúcia do pássaro, buscando ponta a ponta pequenos galinhos e palhas que o irão compor.

Onde o Homem ou o animal, constrói a sua casa no mundo passando os limites físicos das paredes, ampliando o sonho de liberdade, habitando-o.

3.1. Memória Descritiva

Os elementos teóricos estudados e adquiridos ao longo deste trabalho, foram colocados em prática, através da construção de uma cobertura em colmo, maquete (conforme ilustrado na Fig. 29, da p. 42, e descrito o seu processo de colocação mais detalhadamente das p. 43 à p. 45, assim como os elementos de prisão do colmo, protecção contra o vento p. 45 à p.47.

A peça interpretativa, o ninho, sendo feito do mesmo material, palha de centeio, é um elemento expressivo, que resulta do estudo da 1ª peça, o telhado, e onde é aplicada como técnica construtiva e de união dos vários elementos de palha, o *bancelho*.

Para além do ninho, incluo também no trabalho elementos de estudo que designei de ataduras e nós, *bancelhos*, detalhes de pequeno tamanho, fotografados e ampliados, adquirindo uma dimensão e uma expressão.

O seguinte esquema de fotos (incluído em anexo do corpo de texto principal da dissertação), procura ilustrar o processo de trabalho, descrevendo, passo a passo, como um guião, até ao resultado final, desenvolvido para a construção das duas peças propostas: o telhado de colmo, e o ninho.

(Uma vez que este é um registo muito extenso, inclui-se em anexo digital, PDF, o documento integral do processo de construção assim como estudos e esboços, sendo aqui apenas apresentado um resumo das várias fases e o respectivo resultado final).

3.1.1. Reconstituição de uma cobertura em colmo: diário e registo fotográfico



Fig. 53 Cobertura em colmo (desenho da autora).

Materiais:

- Troncos de madeira (de várias dimensões e espessuras), palha de centeio;
- Material de união - corda, pregos, corda em palha de centeio (*bancelhos*).

Dimensões:

- 1 mts x 1,10 mts de largura, 75 cm de altura.

Apresenta-se a seguir um resumo do registo fotográfico do processo construtivo da peça “Cobertura em Colmo”, que se poderá observar com maior pormenor no Anexo 02 deste trabalho.

Composição da estrutura:

- A estrutura de base, feita de toscos paus de madeira não tratada, encontrada no local de onde são originárias este tipo de coberturas de casas.

Composição da cobertura:

- Feita em colmo (palha de centeio), colocado por cima da estrutura de base em paus, em camadas sucessivas;
- São também utilizados paus, colocados por cima da cobertura, e amarrados por cordas de palha (*bancelhos*) para protecção contra os ventos agrestes característicos das zonas serranas.

Descrição do processo construtivo:



Fig. 54 Material (palha de centeio) utilizado na construção das coberturas em colmo, tal como saído da malhada junto em molhos de palha.



Fig. 55 Preparação do material (humidificação da palha para posterior colocação).



Fig. 56 A palha é espalhada e separada, retirando algumas das impurezas e as palhas mais finas. Depois de preparado o material (palha de centeio),



Fig. 57 inicia-se a construção da estrutura em madeira, que irá sustentar a cobertura (colocação dos *varedos / caibros*, troncos que irão compor cada *água* do telhado).



Fig. 58 Colocação dos troncos (*ripado de paus*) que irá formar a estrutura que sustém cobertura em colmo.



Fig. 59 Pormenor da estrutura.



Fig. 60 Início da colocação da cobertura em colmo (1ª camada).



Fig. 61 Espigas viradas para o cume.



Fig. 62 Colocação das camadas seguintes de colmo.



Fig. 63 Colocação das camadas seguintes de colmo (pormenor).



Fig. 64 Colocação do colmo correspondente à cumeada (topo da cobertura).



Fig. 65 Início do processo de colocação dos elementos que irão proteger a cobertura em colmo.



Fig. 66 Colocação dos paus (*cangas*) que irão prender o colmo lateralmente.



Fig. 67 As *cangas*, aplicadas em *tesoura* (cruzadas no cimo do telhado) e os *travessos* (como *ganchos* a segurar a *cabeleira de palha*), são presos à cobertura com *bancelhos* (cordas em palha), reforçando a resistência aos ventos fortes destas regiões montanhosas.

3.1.2. Interpretação plástica; o ninho: diário e registo fotográfico



Fig. 68: "Ninho" (desenho da autora).

Materiais:

- Palha de centeio, verguinha de ferro.

Dimensões:

- Aproximadamente 60 cm de diâmetro (largura) e 1.70 mts (de altura).

Apresenta-se a seguir um resumo do registo fotográfico do processo construtivo da peça "O ninho", que se poderá observar com maior pormenor no Anexo 02 deste trabalho.

Descrição do processo construtivo:



Fig. 69 Início do trabalho; construção da estrutura do ninho, utilizando *bancelhos*, palha entrançada, presa ao ferro, colocada em espiral.



Fig. 70 União dos *bancelhos* antes da aplicação na peça.



Fig. 71 Início da aplicação dos *bancelhos* na peça.



Fig. 72 Aplicação dos *bancelhos* na peça (pormenor)..



Fig. 73 Pormenor da peça (o *bancelho* como elemento de ligação do conjunto).



Fig. 74 Pormenor da peça (*bancelhos*).



Fig. 75 “O ninho”, peça completa (pormenor).



Fig. 76 “O ninho”, pela completa (pormenor).



Fig. 77 “O ninho” pormenor poético (escondido entre os ramos o ninho alberga o desejo de partir).



Fig. 78 “O ninho” peça completa vista de cima, onde se pode observar o suporte expositivo.



Fig. 79 Conjunto das duas peças em estudo.

3.1.3. “Ataduras e nós, *bancelho*, pormenor expressivo”.

A série de estudos (da Fig. 80 à Fig. 98), “Ataduras e nós, *bancelho*, pormenor expressivo”, ilustrado na página seguinte, é resultado das experimentações com o material, palha de centeio. Criadas por mim, estas peças, de pequena dimensão, ganham outro carácter com a fotografia, que, como meio visual, permitiu captar a sua beleza e simplicidade, contida na forma dos nós, sugerida pelos *bancelho* (como técnica).



Fig. 80



Fig. 81



Fig. 82



Fig. 83



Fig. 84



Fig. 85



Fig. 86



Fig. 87



Fig. 88



Fig. 89



Fig. 90



Fig. 91



Fig. 92



Fig. 93



Fig. 94



Fig. 95



Fig. 96



Fig. 97



Fig. 98

Conclusão

Apesar da dificuldade na execução prática destas peças, complementares ao trabalho, encontrei vários pontos de interesse plástico que explorei e poderão ainda vir a ser mais desenvolvidos numa outra fase.

Na minha visão escultora, o *bancelho*, de técnica construtiva (e de amarração dos molhos de palha) a objecto de interpretação artística, descobrindo as suas diferentes expressividades quer dobrando, desenhando, quer fotografando. A sua importância no contexto, quer no processo em estudo, quer na vivência rural foi por mim observado e compreendido, no decurso da minha investigação (literária e trabalho de campo). Embora solução secundária de pouca relevância para todo o processo para os autóctones, mero pormenor em todo o processo da colheita do centeio (segada e malhada), ampliei-o visual e simbolicamente, de forma a torná-lo protagonista de uma experimentação estética. Este não me foi ensinado mas sim observado, presencialmente, na representação da segada e malhada, evento na aldeia de Paredes do Rio, Montalegre, na qual participei, e através da observação das filmagens e fotografias que fiz deste mesmo evento.

Na continuidade do trabalho pessoal artístico, outras interpretações plásticas do *bancelho* ou de outros pormenores da técnica em estudo, poderão ser desenvolvidos, para além daqueles que apresentei no meu trabalho. Mas também o desenvolvimento de eventuais actividades didácticas (a exemplo serviços educativos), oficinas de experimentação promovendo-o como elemento etnográfico (valorizando-o criando curiosidade) assim como técnica expressiva manipulando-o na sua plasticidade.

Lista de Imagens

Fig. 1 – p. 10: Representação de uma casa rural com cobertura em colmo (desenho da autora).

Fig. 2 – p. 17: Casa com cobertura de colmo em Berkshire, Inglaterra (Fernandez-Galiano, 1973: 21).

Fig. 3 – p. 17: Casas com cobertura de colmo, aldeia no Japão (Fernandez-Galiano 1973: 22).

Fig. 4 – p. 17: Casas com cobertura de colmo, Aldeia Togo, África (Fernandez-Galiano 1973: 6).

Fig. 5, 6, 7, 8 – p. 18: Casas e cabanas com cobertura em colmo na região da Lezíria Ribatejana e Península de Setúbal (Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980: 404).

Fig. 9 – p. 18: Cabana com cobertura em colmo, interior do Algarve, (Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980: 641).

Fig. 10 – p. 20: Campo de centeio em Montalegre (foto da autora).

Fig. 11 – p. 23: Mapa de localização da área em estudo (P.N.P.G.), no contexto territorial português, realizado a partir de mapa de localização de freguesias serranas (Ribeiro, 1991: 264).

Fig. 12 – p. 24: Localização dos lugares em estudo no contexto do P. N. P.G., realizado a partir do mapa do mesmo (P.N.P.G., 1983).

Fig. 13, 14 – p. 28: Casa “Celta” de Cambezes do Rio, Montalegre, na actualidade (foto da autora).

Fig. 15 – p. 29: Casa “Celta” de Cambezes do Rio, Montalegre, na actualidade, entrada da habitação (foto da autora).

Fig. 16 – p. 29: Abrigo de pastores, Anchuelo del Camino, Guadalajara, Espanha (Ramos & Cossio, 1998: 69).

Fig. 17 – p. 29: Alçado de palhoça galega (Llano, 1981a: 195).

Fig. 18, 19 – p. 30: Alçados e cortes, diferentes tipologias de palhoças (Llano, 1981a: 197, 196).

Fig. 20 – p. 30: Aglomerado de casas (lugar de Branda da Junqueira, Serra da Peneda), (Veiga de Oliveira *et al.*, 1984: 329).

Fig. 21 – p. 31: Esquema de casa rectangular rural de dois pisos, com cobertura em colmo (Llano, 1981a: 209).

Fig. 22 – p. 31: Casa rural de dois pisos em Montalegre, Tourém, (Veiga de Oliveira & Galhano, 1992: foto 57).

Fig. 23 – p. 35: Exemplo de uma eira comunitária (Viegas Guerreiro, 1991: 125).

Fig. 24 – p. 35: O trabalho na eira comunitária, malhada (P.N.P.G., 1983).

Fig. 25 – p. 36: Molhos de palha de centeio, Parada do Rio, Montalegre (foto da autora).

Fig. 26 – p. 37: Exemplo de como a palha era dobrada para criar a corda do *bancelho*, sequência (foto da autora).

Fig. 27 – p. 38: “Mulheres ceifando” (desenho da autora).

Fig. 28 – p. 40: Antiga casa em ruínas com vestígios de estrutura de telhado para cobertura em colmo, em Paredes do Rio Montalegre (foto da autora).

Fig. 29 – p. 41: Esquema explicativo das diferentes fases de construção de um telhado com cobertura em colmo (desenhos da autora).

Fig. 30 – p. 42: Exemplo de *bancelho*, como elemento de união da cobertura de colmo à estrutura de madeira do telhado (Veiga de Oliveira *et al.*, 1984: imagem 31).

Fig. 31 – p. 42: Exemplo do modo de colocação das fiadas de palha (desenhos da autora).

Fig. 32 – p. 43: Compostura de uma cobertura de casa em colmo (Veiga de Oliveira *et al.*, 1984: imagem 313).

Fig. 33 – p. 43: Colmagem de uma casa, Celorico de Basto (Veiga de Oliveira *et al.*, 1984: 315).

Fig. 34 – p. 43: Exemplo de *colmadeira* em cortiça (desenho da autora).

Fig. 35 – p. 43: Assentamento do colmo com uma *colmadeira* (Veiga de Oliveira *et al.*, 1984: imagem 317).

Fig. 36 – p. 44: Cume de uma cobertura de colmo, seguro por pedras, fazendo a protecção contra o vento (Veiga de Oliveira *et al.*, 1984: imagem 323).

Fig. 37 – p. 44: Boca de saída de fumo (chaminé) nas coberturas de colmo, desenho de Fernando Galhano (Veiga de Oliveira & Galhano, 1992: 121).

Fig. 38 – p. 45: Representação dos vários processos de prisão / protecção das coberturas de colmo, desenhos de Fernando Galhano (Veiga de Oliveira *et al.*, 1984: 301).

Fig. 39, 40 – p. 45: Imagens (pormenores) de travessos em *tesoura* (Associação de Arquitectos Portugueses, 1980: 175).

Fig. 41 – p. 45: Imagem de casas com guarda-ventos e cobertura de colmo segura por travessos de paus em *tesoura*, Castro Laboreiro (Veiga de Oliveira *et al.*, 1984: imagem 325).

Fig. 42 – p. 46: Imagem de casa com cobertura de colmo, segura por travessos de paus (colocados em *tesoura*) e pedras, Arouca, Minho (Veiga de Oliveira *et al.*, 1984: imagem 327).

Fig. 43 – p. 46: Cobertura de colmo protegida por um *capeado* de pedras nas beiras do telhado (Veiga de Oliveira *et al.*, 1984: imagem 319).

Fig. 44 – p. 47: Substituição do colmo antigo pelo novo, reparação de uma cobertura (P.N.P.G., 1983).

Fig. 45 – p. 53: Imagem retirada do site www.thatchers.eu/content/hollan (acedido em 22/02/2014).

Fig. 46, 47, 48 – p. 54: Casa Storkhouse, projecto do arquitecto japonês Terunobu Fujimori para o *Raiding Project*, imagens retiradas do site www.raidingfoundation.org (acedido em 22/02/2014).

Fig. 49 – p. 56: “Abrigo: telhado de colmo, ninho” (desenho da autora).

Fig. 50 – p. 57: Palhota, África, (Norberg-Schulz, 1981: 186).

Fig. 51 – p. 57: “Das Nest” (o ninho), obra escultórica de Nils Udo, Alemanha, 1978, imagem retirada do site www.greenmuseum.org (acedido em 15/01/2014).

Fig. 52 – p. 59: “Ninho, lugar do sonho” (desenho da autora).

Fig. 53 – p. 61: Cobertura em colmo (desenho da autora).

Fig. 54 à 67 – pp. 62-64: Processo construtivo de uma cobertura em colmo (obra da autora).

Fig. 68 – p. 65: “Ninho” (desenho da autora).

Fig. 69 à 78 – pp. 66-67: Processo construtivo de um telhado em colmo (obra da autora).

Fig. 79 – p. 67: Conjunto das duas peças construídas (obra da autora).

Fig. 80 à 98 – p. 69: Série de estudos “Ataduras e nós, *bancelho*, pormenor expressivo” (obra da autora).

Bibliografia

- Alvarez, José Gomes (1978). *Inventário do Património Cultural Construído* . Lisboa: Secretaria de Estado do Ambiente.
- Associação dos Arquitectos Portugueses (1980). *Arquitectura Popular em Portugal* . Lisboa. Ordem dos Arquitectos Portugueses.
- Bachelard, Gaston (1996). *A Poética do Espaço* . Brasil: Edições Martins Fontes.
- Fernandez-Galiano, Luís (direcção) (1973). *Cobijo* . Madrid: H. Blume Ediciones.
- Fonte, Barroso & Fontes, António (2005). *Usos e Costumes de Barroso* . Lisboa: Edições Âncora.
- Geraldes, Alice (1979). *Castro Laboreiro e Soajo – Habitação, vestuário e trabalho da mulher* . Lisboa: Colecção Parques Naturais nº4, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico.
- Godivier, Jean-Louis (direcção) (1998). *Atlas d'architecture mondiale* . França: Editions Stock.
- Levy, Françoise & Segaud, Marion (1983). *L'Anthropologie de l'espace* . Paris: Centre George Pompidou, CCI.
- Lino, António (1990). *O Homem e a Casa, A Casa e o Tempo* . Odivelas: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Llano, Pedro (1981a). *Arquitectura Popular en Galicia 1* . Santiago de Compostela: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia.
- Llano, Pedro (1981b). *Arquitectura Popular en Galicia 1* . Santiago de Compostela: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia.
- Menéres, João *et al.* (1976). *Parque Nacional Peneda Gerês* . Porto: Associação Fotográfica do Porto.
- Morin, Edgar (1973). *Paradigma Perdido* . Mem Martins: Edições Europa América.
- Norberg-Schulz, Christian (1981). *Genius Loci - Paysage Ambiance Architecture* . Bruxelas: Pierre Mardaga Éditeur.
- Okakusa, Kakuro (2009). *O Livro do Chá* . Lisboa: Edições Cotovia.
- Pallasma, Juhani (2014). *Los Ojos de la Piel, La Arquitectura de los Sentidos* . Madrid: Edições GG.
- Parque Nacional da Peneda Gerês, Portugal (1983). *Guia turístico* . Braga: Edições P.N.P.G.

- Pirson, Jean François (1998). *La Estructura y el Objecto* . Barcelona: P.P.U., S.A.
- Pizza, Antonio (2000). *La Construcción del Pasado* . Madrid: Celeste Ediciones.
- Rabaça, Armando (2011). *Entre o corpo e a paisagem – Arquitectura e lugar antes do genius loci* . Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Ramos, Luis M. & Cossio, V. Fernando (1998). *De Arquitectura Y Arqueologia* . Madrid: Edições Munilla- Lería.
- Ribeiro, Orlando (1991). *Opúsculos Geográficos, O Mundo Rural, – IV volume* . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Smet, Marc (2001) *Elogio do Silêncio* . Lisboa: Edições Sinais de Fogo.
- Taborda, Vergílio (1987). *Alto Trás-os-Montes, Estudo Geográfico* . Lisboa: Livros do Horizonte.
- Tanizaki, Junichiro (1999). *O Elogio da Sombra* . Lisboa: Relógio D'Água,
- Torga, Miguel (1993). *Portugal* . Coimbra: Coimbra Editora.
- Tuan, Yu-Fu (1977). *Space and Place – The Perspective of Experience* . Mineápolis, Londres: University of Minnesota Press.
- Veiga de Oliveira, Ernesto *et al.* (1984). *Construções Primitivas em Portugal* . Lisboa: Publicações D. Quixote,
- Veiga de Oliveira, Ernesto *et al.* (1992). *Arquitectura Tradicional Portuguesa* . Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Viegas Guerreiro, Manuel (1991). *Pitões das Júnias, Esboço de Monografia Etnográfica* . Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico.